

# PORTEL XIII FEIRA MONTADO

LIVRO DA FEIRA 29 NOVEMBRO | 02 DEZEMBRO | 2012



# SUMÁRIO

- 03 **Nota de Abertura**  
Norberto Patinho  
Presidente da Câmara Municipal de Portel
- 05 Francisco Maria Santos Murteira  
Director Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo
- 06 **Montado... Um Bem Único no Mundo**  
António Ceira da Silva  
Turismo do Alentejo, ERT
- 08 **Importância da Floresta a Sul do Tejo**  
Carlos Ramalho / Guilherme Santos / João Rui Ribeiro  
Direcção Regional de Florestas do Alentejo/ICNF
- 14 **O Uso Sustentado do Solo em Portugal**  
Mário Carvalho  
Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM) - Universidade de Évora
- 18 **A Conservação dos Solos e o Montado**  
Eugénio Menezes de Sequeira  
Eng.º Agrónomo, Investigador Coordenador do INIAV, Conselheiro do CNADS
- 22 **Degradación y Conservación del Suelo en el Montado**  
Gerardo Moreno Marcos  
Grupo de Investigación Forestal.  
Universidad de Extremadura. España
- 26 **“Montado – Património da Humanidade”**  
Elisa Pérez Babo  
Quatenaire PortugalEspanña
- 29 **A Necessidade da Floresta ao Sul do Tejo**  
João Posser de Andrade  
Provedor da Confraria do Sobreiro e da Cortiça
- 30 **A Floresta no Sul de Portugal: Uma Reserva Estratégica de Recursos que Urge Potenciar.**  
Nuno de Almeida Ribeiro / Margarida de Almeida Vaz  
ICAAM - Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora, Núcleo da Mitra
- 32 **Programa da Feira do Montado**
- 36 **O Montado, um Sistema de Elevado Valor Natural**  
Teresa Pinto Correia  
ICAAM - Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora
- 38 **¿Por qué necesitamos Dehesas al Sur del Tajo?**  
Rámon Santiago  
IPROCOR
- 40 **A Importância da Floresta no Sector Primário em Portugal**  
José Mira Potes / Francisco Lopes  
Confraria do Sobreiro e da Cortiça
- 44 **Projeto Red de Investigación Transfronteriza de Extremadura, Centro y Alentejo (RITECA II)/Ação 3. Recursos Naturais-Tarefa 2 – identificação das zonas de risco para as pragas desfolhadoras e incêndios florestais**  
Margarida Pereira / Nuno Santos Beja & Paula Nozes  
Instituto Politécnico de Beja/Escola Superior Agrária
- 48 **A Floresta Mediterrânica e a Gestão dos Montados em Portugal**  
Domingos Patacho  
Quercus
- 50 **Montado: Aposta de Futuro, Feliz Herança do Passado**  
Cristina Joanaz de Melo  
Historiadora, investigadora integrada do IHC- FCSH
- 52 **Sobre a Importância da Floresta para a Região Alentejo**  
Luís Francisco Silva  
Eng.º Agrónomo
- 54 **Montado - “Pulmão do Alentejo”**  
António Flor Ferreira  
Médico Veterinário
- 56 **A Caça, Relevante Recurso Económico**  
Paula Cristina Simões  
Jurista/Caçadora
- 58 **O Montado Visto por um Arquitecto Paisagista**  
Nuno Lecoq  
Arquitecto Paisagista
- 60 **A Necessidade da Floresta ao Sul do Tejo**  
Agostinho Manuel Asper Banha  
Confraria do Sobreiro e da Cortiça

## FICHA TÉCNICA REVISTA FEIRA DO MONTADO

**Director:** Norberto Patinho

**Propriedade/Edição:** Câmara Municipal de Portel / Largo D. Nuno Álvares Pereira 7220 - 375 Portel / geral@mail.cm-portel.pt / www.cm-portel.pt

**Coordenação Geral:** Luís Tojo / **Editorial:** Asper Banha / **Publicitária:** Patrícia Silva / **Design/Paginação:** Patrícia Alexandra

**Impressão:** Grafimonsaraz - Artes Gráficas, Lda. / **Tiragem:** 5.000 exemplares

**Depósito Legal:** 352280/12

**Periodicidade:** Anual / **Ano:** 2012

Organização:



2012 ANO INTERNACIONAL DAS ENERGIAS RENOVÁVEIS



## NOTA DE ABERTURA

Norberto António Lopes Patinho / Presidente da Câmara Municipal de Portel

O caminho faz-se caminhando.

Decorridos que são 12 anos, a Feira do Montado continua a afirmar-se, no contexto local, regional e nacional, como um evento de referência, contribuindo de forma decisiva para uma maior visibilidade do Montado em todas as suas dimensões.

Atraindo, ano após ano, muitos milhares de visitantes temos atingido muitos dos nossos objectivos, ajudando a compreender a importância deste extraordinário instrumento estratégico de desenvolvimento e de combate à desertificação física e humana.

É um caminho que temos trilhado com o contributo de produtores, industriais, comerciantes, gestores, técnicos, investigadores, associações, estabelecimentos de ensino, responsáveis políticos e dos portelenses de uma forma muito especial. A todos o nosso muito obrigado.

Mas o caminho não tem sido fácil.

Infelizmente nem todos compreendem a importância do Montado e o que pode representar a excelência do seu valor ambiental, económico e social no combate à crise e à desertificação.

O sul e o interior do país são das zonas mais ameaçadas pela desertificação e penalizadas pelos difíceis momentos que vivemos.

Mergulhados numa crise que nos faz cair num ciclo vicioso de recessão, endividamento e empobrecimento é decisivo definir um caminho e assumir uma estratégia.

O Montado, o sistema agro-silvo-pastoril que lhe está associado, o turismo e o património cultural, são recur-

sos endógenos fundamentais para um crescimento económico sustentável.

O Centro Nacional do Montado foi uma janela de esperança que se abriu.

Produtores, técnicos e investigadores, perante os compromissos assumidos, acreditaram estar perante o reconhecimento, por parte da tutela, da necessidade de manter próximo da produção serviços de apoio à recuperação e preservação deste sistema único no mundo.

É incompreensível e inaceitável o encerramento do Centro Nacional do Montado.

O avanço da desertificação e o combate à crise travam-se, na nossa região, promovendo uma gestão adequada do Montado e com serviços de proximidade de apoio às populações e aos agentes económicos.

O fecho de serviços públicos de proximidade é mais um passo para o contínuo desmoronamento de regiões já em processo de desertificação.

O caminho escolhido e agora trilhado é revelador de grande insensibilidade e ausência de estratégia. Provam-no os anunciados encerramentos de juntas de freguesia, tribunais, serviços de finanças...

É um caminho que terá efeitos extraordinariamente negativos para o território, para as pessoas e para a economia portuguesa.

Não são as pessoas que estão a abandonar o interior.

As pessoas estão a ser abandonadas no interior.

Enfrentar a crise e combater a desertificação é possível.

Para tal é necessário mudar o caminho. ☹



MONTADO  
A NOSSA  
IDENTIDADE



**Francisco Maria Santos Murteira** / Director Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo

Mais um ano decorrido e mais uma vez a Câmara Municipal de Portel organiza o seu evento anual, a 13ª edição, focada como é habito no montado, mas constituindo sistematicamente uma iniciativa que se reveste de enorme importância para a região através da divulgação dos produtos regionais, muito em particular dos que decorrem das actividades económicas associadas aos montados, mas também porque constitui ótima oportunidade para elevar a discussão de toda a problemática associada ao ecossistema montado.

São inúmeras as preocupações onde devemos focar a nossa atenção e orientar a discussão, particularmente nesta fase em que estamos em plena negociação da reforma da política agrícola comum para o período 2014 – 2020. De facto, a economia da nossa região agrícola, tem, de há vários anos a esta parte, uma elevada sensibilidade à Política Agrícola Comum e à política económica nacional.

Vendo-se o sector, de uma forma geral, fortemente prejudicado pela diminuição do consumo, pela incerteza dos mercados e persistente degradação dos preços, originando uma conjuntura extremamente desfavorável e comprometedora da sustentabilidade da generalidade das explorações, torna-se imprescindível uma particular atenção aos mecanismos de compensação à quebra de rendimento nos setores mais

importantes e representativos da agricultura alentejana. Por outro lado os montados de sobro e azinho, com o sistema agro-silvo-pastoril que lhe está associado, não só integram relevantes serviços ecológicos, como constituem um raro diversificado e rico ecossistema que tem subjacente uma das mais notáveis faunas e floras do mundo.

Apesar de tudo, a verdade é que a persistente mortalidade de sobreiros e azinheiras, pode e tem que ser invertida, sob pena de se perder a base do ecossistema que constitui um dos principais recursos endógenos que possuímos.

É por isso fulcral, canalizar recursos para a investigação aplicada e para o apoio francamente atrativo aos sistemas agro-florestais, dado que se trata de setor com reduzido retorno direto e visível.

Será por isso importante centrar a discussão não só na base de soluções científicas e na transmissão de todo o conhecimento que já existe sobre as boas praticas que permitem contrariar o declínio dos montados, mas também na percepção de que estamos perante um sistema económico frágil, em que é fundamental dar sustentabilidade às actividades que lhe estão associadas, porque só assim manteremos vivo o desígnio de todos, centrado nas palavras chave associadas ao ecossistema montado:

**Recuperar e Preservar.** ®



## MONTADO... UM BEM ÚNICO NO MUNDO

António Ceia da Silva / Presidente da Turismo do Alentejo, ERT

**M**arca singular da paisagem alentejana, o Montado tem na Serra de Portel uma das mais expressivas manchas de toda a região.

Uma singularidade que constitui uma forte marca identitária do nosso território, a qual deve também ser aproveitada para fins de afirmação e promoção turística do destino Alentejo.

Sendo a Identidade um dos valores fundamentais na estratégia da Turismo do Alentejo, ERT, o projeto de candidatura do Montado a Património da Humanidade da Unesco assume-se neste plano como prioritária.

Estamos certos que a classificação do Montado como Paisagem Cultural permitirá estruturar a oferta de um produto turístico distintivo, de matriz territorial, contribuindo igualmente para a sustentabilidade daquele Bem que se quer reconhecido universalmente.

A valorização do Montado constituirá, seguramente, uma ferramenta de marketing territorial sem precedentes para o Alentejo, criando condições para que a região aumente a sua competitividade nos mercados nacional e interna-

cional. Para além de lhe abrir as portas das principais rotas turísticas mundiais, o selo da UNESCO não deixará de induzir novas dinâmicas de desenvolvimento nos sectores da agricultura, pecuária, agro-indústria e silvicultura, cuja dinâmica também a actividade turística beneficiará.

Mais do que em qualquer outro projecto em que estamos envolvidos, é fundamental a participação de todos os atores locais e regionais - instituições públicas e privadas, empresários turísticos, produtores da fileira do Montado, as suas associações representativas e as populações locais, que têm neste processo um papel insubstituível.

Só deste modo é que o processo de classificação poderá gerar no futuro vantagens económicas para o território e contribuir para o reforço da coesão social das comunidades locais.

É também por esta razão que estamos empenhados em defender e valorizar o Montado como um bem identitário único, convitos de que a sua classificação materializará uma enorme mais-valia para todo o Alentejo. ☺



distribuição

# alta atenção



Obras na via pública?  
Conheça as regras de segurança.

Sabia que quanto mais alto sobe, mais elevado é o risco de atingir uma linha elétrica?  
E que ao escavar um buraco na rua pode atingir um cabo subterrâneo?  
Antes de iniciar qualquer obra na via pública, informe-se sobre os riscos e tome todas as precauções para evitar os acidentes.



## IMPORTÂNCIA DA FLORESTA A SUL DO TEJO

Carlos Ramalho / Guilherme Santos / João Rui Ribeiro / Direcção Regional de Florestas do Alentejo/ICNF

Em Portugal, os espaços florestais arborizados ocupam, segundo o Inventário Florestal Nacional - 5.<sup>a</sup> revisão (IFN5) cerca de dois terços do território continental, a que corresponde uma área de cerca de 3,46 milhões de ha. É expressivo o peso do setor florestal nacional, quer no PIB quer na empregabilidade (Quadro 1), que a sul do Tejo resulta essencialmente da exploração dos montados e seus derivados e também de algumas sub-fileiras menos significativas, mas com expressão regional, como sejam o Pinheiro-manso, o Pinheiro-bravo e o Eucalipto, principalmente no Alentejo Litoral.

Por outro lado podemos também inferir uma razoável relação entre a produção líquida e as exportações, assim como o peso destas na indústria transformadora no caso do território nacional (Quadro 2).

Segundo o quociente de localização da empregabilidade no setor para o ano de 2009, em função do todo Nacional, podemos encontrar valores significativos nas regiões do Norte, Centro e Alentejo (Quadro 3).

Na região a sul do Tejo (Alentejo e Algarve) os espaços florestais ocupam uma área de 1,79 milhões de ha, representando cerca de 55,2 % da área total, representando os espaços agrícolas cerca de 39,8 % do total (1,29 milhões de ha). As espécies com maior representatividade são o sobreiro e a azinheira que, em conjunto, representam cerca de 75 % da ocupação florestal da região (Figura 1), constituindo o suporte arbóreo de um sistema característico - o montado. De acordo com os dados do IFN5, verifica-se que a área ocupada por povoamentos puros e dominantes jovens de pinheiro-manso, é de 25 % na região do Alentejo e de 79,7 % na região do Algarve, quando comparada com a área total ocupada por esta espécie nestas regiões. Tal situação poderá atribuir-se aos investimentos efetuados no âmbito dos QCA II e III, nomeadamente as acções de florestação de terras consideradas marginais para a agricultura.

O montado é um sistema com uma elevada biodiversidade, sendo um espaço privilegiado para a multifunção.

	2006	2007	2008	2006	2007	2008	2006	2007	2008
	Preços correntes			% Ind. Transformadora			% Total nacional		
VAB Fileira Florestal (10 <sup>6</sup> Euros)	2339	2447	2194	11,8	11,9	10,5	1,7	1,7	1,5
Emprego (milhares)	110	107	103	12,8	12,6	10,9	2,2	2,1	2
Remunerações (10 <sup>6</sup> Euros)	1301	1315	1324	10,8	10,7	10,6	1,6	1,6	1,5
Peso VAB Florestal no PIB							1,46	1,45	1,28

Quadro 1 - VAB e empregabilidade do setor Florestal em Portugal Continental (Extraído de Dores et al., 2011)

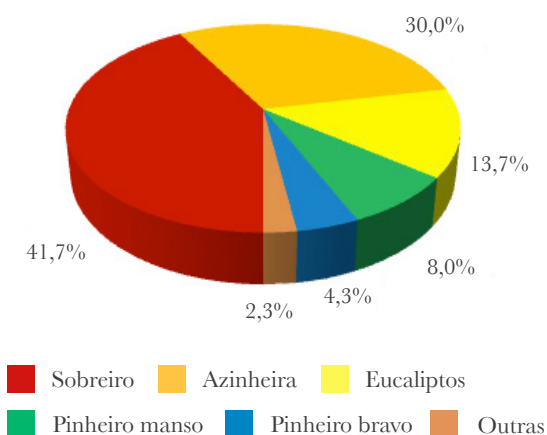
		2006	2007	2008	2006	2007	2008	2006	2007	2008
		Preços correntes			% Fileira			% Ind. Transformadora		
Produção	Industria da Madeira e da Cortiça	3419	3631	3303	46,0%	46,5%	43,7%	4,5%	4,5%	4,1%
	Industria da Pastal, Papel e Cartão	2473	2585	2654	33,3%	33,1%	35,1%	3,2%	3,2%	3,3%
	Industria do mobiliário	1540	1594	1596	20,7%	20,4%	21,1%	2,0%	2,0%	2,0%
Exportação	Industria da Madeira	1392	1470	1337	42,1%	41,7%	38,6%	4,1%	4,0%	3,6%
	Industria da Pastal, Papel e Cartão	1509	1586	1615	45,6%	44,9%	46,6%	4,1%	4,0%	3,6%
	Industria do mobiliário	407	473	511	12,3%	13,4%	14,8%	1,2%	1,3%	1,4%

Quadro 2 – Relação entre exportações e importações por subsector Florestal (Extraído de Dores et al., 2011)



	Portugal	Alentejo	Norte	Centro	Lisboa	Algarve
Fileira Florestal	1	0,8	1,6	1,5	0,3	0,2
Industria da Madeira e da Cortiça	1	1,1	1,6	1,5	0,2	0,4
Industria da Pasta Papel e Cartão	1	0,1	1,2	1,9	0,7	0,01
Industria do mobiliário	1	0,8	1,8	1,3	0,2	0,1

**Quadro 3** – Quociente de localização do emprego da Fileira Florestal para 2009 por NUT II (Extraído de Dores et al., 2011)



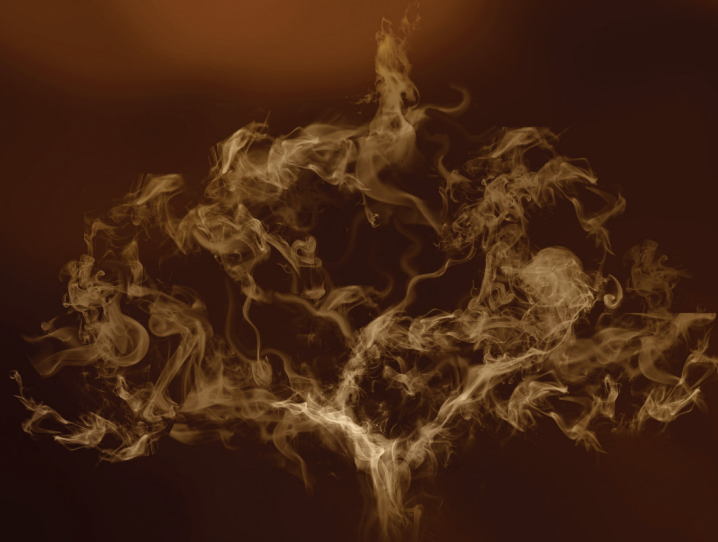
**Figura 1** – Área de povoamentos florestais por espécie dominante (Extraído de IFN5, AFN,2010)

nalidade, cuja exploração racional exige a presença do Homem e contribui para a fixação das populações rurais, além de se constituir como uma das melhores formas de valorização económica dos solos nesta região, reconhecidamente pobres e desequilibrados na sua constituição e com fracos níveis de matéria orgânica.

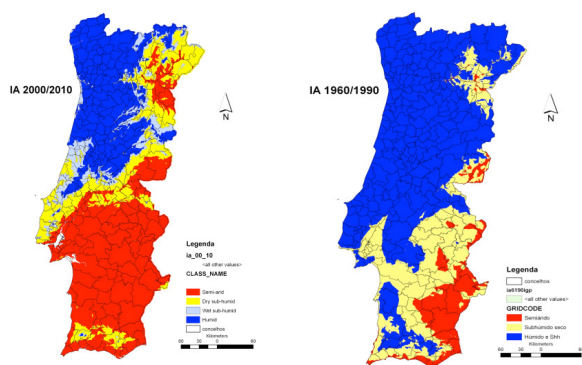
As áreas de montado integram-se num mosaico heterogéneo de paisagens rurais, que precisam de ser geridas de forma integrada, não podendo muitos dos objectivos da gestão florestal serem avaliados apenas ao nível da parcela ou mesmo do povoamento. De uma forma simplificada, procurou-se sintetizar os principais pontos fortes e fracos, bem como as principais ameaças que afetam estes sistemas florestais únicos a nível mundial e característicos da paisa-

PORTEL XIII FEIRA  
MONTADO

29 NOVEMBRO » 02 DEZEMBRO » 2012



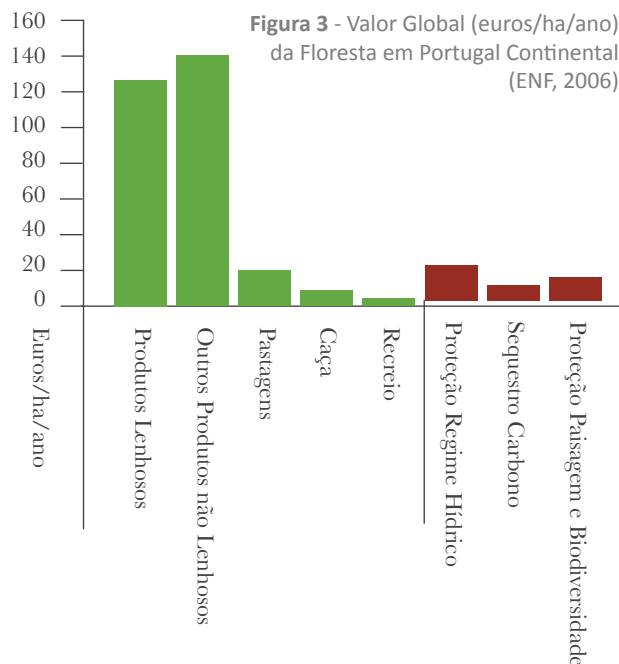
*Na origem de uma Feira  
cheia de sabor.*



**Figura 2 - Suscetibilidade à Desertificação**  
 Análise de duas séries climáticas  
 ([http://www.desertwatch.info/images/stories/COP10/4%20-%20portugal%20napcd%20revision%202010\\_2011%20indicators.pdf](http://www.desertwatch.info/images/stories/COP10/4%20-%20portugal%20napcd%20revision%202010_2011%20indicators.pdf))

gem mediterrânea e as oportunidades que podem potenciar a sua preservação e valorização (Quadro 4).

Além da exploração da cortiça, fruto e pecuária no sob coberto, existem outras potencialidades como a cinegética, as plantas aromáticas, a pesca desportiva, a apicultura e os cogumelos, cujo aproveitamento se revela interessante



para uma maior rentabilização destes espaços florestais. A erosão, os incêndios florestais, o despovoamento, os efeitos das secas sucessivas e a debilidade económica são expressões evidentes de desertificação. Mais de três quartos da região do Alentejo (77%) apresentam suscetibilidade à desertificação, sendo muito suscetível à desertificação cerca de 60% desta área. Face a este quadro, com tendência para se agravar no futuro próximo, tal como podemos visualizar na Figura 2, a preservação deste sistema é fundamental, pelo seu contributo no combate à desertificação física, pela protecção dos solos e dos recursos hídricos e manutenção de uma paisagem rural humanizada. Num contexto de alterações climáticas, a floresta desempenha igualmente um papel importante, não só através do sequestro de carbono mas também da produção de biomassa e do seu potencial como energia renovável.

O Inventário da Mortalidade do Sobreiro, desenvolvido pela Universidade de Évora em 2008, mediante protocolo estabelecido com a Autoridade Florestal Nacional, teve como objetivos a identificação e quantificação de sobreiros com sinais de declínio e a análise da distribuição espacial das zonas de declínio associado às limitações do solo, ao declive e à distribuição da precipitação, com base em fotografias aéreas de 2004/2006. Como principais conclusões deste estudo, que abrangeu uma área desde o Algarve à Beira Interior Sul, ocupando toda a área a sul do rio Tejo, ressalta a perda de área de cobertura da projeção de copas de 10 867 659m<sup>2</sup> e a uma perda de produção de cortiça de 493 984@. São ainda indicados alguns procedimentos de intervenção silvícola de forma a mitigar os efeitos de uma grande parte dos fatores de declínio,

# DARK SKY ALQUEVA

TURISMO TERRAS DO GRANDE LAGO ALQUEVA

## A IMENSIDÃO DO CÉU ESTRELADO



## PONTOS FORTES

- Grande aptidão florestal da área com espécies autóctones em povoamentos puros ou mistos;
- Elevado potencial para a produção de cortiça;
- Elevado potencial para a produção de material lenhoso na faixa litoral;
- Elevado potencial para a produção de pinhão, com particular destaque nas bacias do Sado e Tejo;
- Elevada diversidade e riqueza em termos de património biológico (habitats naturais e espécies da fauna e flora – Sítios da Rede Natura e ZPE);
- Importância dos espaços florestais para a conservação da Natureza e Biodiversidade;
- Boas acessibilidades;
- Crescente procura de turismo da natureza;
- Identificação pelo WWF como um HotSpot da biodiversidade da Ecoregião Mediterrânica;
- Barreira entre os desertos do Norte de África e as terras férteis do Centro e Norte da Europa;
- Dificuldade na existência de espécies alternativas economicamente atraentes;
- Grande importância para a economia da exploração, economia regional e economia nacional;
- Geradores de bens e serviços de alta qualidade;
- Constituem uma paisagem característica identificadora de uma região.

## PONTOS FRACOS

- Fraca regeneração natural nos povoamentos de sobreiro e azinheira;
- Declínio das áreas de povoamento de sobreiro e azinheira;
- Existência de povoamentos de espécies de maior susceptibilidade a fogos (pinheiros e eucaliptos);
- Mortalidade devida ao nemátodo da madeira do pinheiro;
- Conflitualidade de usos;
- Despovoamento do interior;
- Investimentos com retorno económico de longo prazo;
- Tendência para uma sobre-exploração de todo o sistema;
- Sistema com baixa rentabilidade;
- Dificuldade em compensar a menor rentabilidade inerente a uma exploração pecuária extensiva face à crescente intensificação que se tem verificado.

## OPORTUNIDADES

- Diversificação de atividades;
- Promoção de medidas para o sequestro de carbono;
- Alteração da composição do coberto florestal e da implementação das Boas Práticas Florestais;
- Melhoria da aplicação da Diretiva Aves e da Diretiva Habitats;
- Novos mercados ligados ao turismo da natureza;
- Valorização dos recursos silvestres.
- Adoção de práticas de gestão adequadas através de Planos de Gestão Florestal.

## AMEAÇAS

- Fogos florestais;
- Ocupação do solo por espécies vegetais alóctones com carácter invasor e infestante;
- Declínio das queríceas;
- Intensificação das atividades agro-silvo-pastoris;
- Riscos da desertificação;
- Consequências das alterações climáticas;
- Inconstância dos mercados no valor da cortiça;
- Intensificação da mecanização que provoca a erosão no solo e danos no arvoredo.

Quadro 4 - Principais factores que afectam os sistemas florestais a sul do Tejo



CREDIBILIDADE  
COMPETÊNCIA TÉCNICA  
QUALIDADE DE EXECUÇÃO

de que se destaca a vantagem da estrutura inequívoca dos povoamentos, a gestão do solo sob coberto com mobilizações do solo menos intensivas e a manutenção da multifuncionalidade como forma de prevenir a desertificação.

Sendo as florestas uma fonte de múltiplos bens e serviços, o desenvolvimento socioeconómico e as tendências de evolução demográfica levam a uma crescente consciencialização da importância da biodiversidade, dos valores estéticos, dos usos para recreio e das externalidades para fins comerciais (Borges, 2007) que podemos visualizar na figura 3.

A integração do valor de todos os bens e serviços nas decisões dos produtores florestais e gestores são um problema de complexa resolução. Borges (2007) e Santos (2009) indicam a necessidade de serem estudadas as inter-relações e trade-offs entre os diversos serviços de um ecossistema, a dependência em que o nível de um serviço se encontra face ao estado do ecossistema e a identificação das possíveis combinações de serviços.

Palahi e Birot (2009) indicam como principais desafios para esta década, em termos de investigação o desenvolvimento de ferramentas para previsão dos efeitos da gestão florestal em vários bens e serviços e recursos relacionados (água e solo), o desenvolvimento de uma silvicultura adaptativa, baseada em metas para assegurar o fornecimento

de bens e serviços relevantes num ambiente em mudança, o desenho de novos modelos de gestão florestal, que abordem a multifuncionalidade da floresta mediterrânica, integrada numa escala da parcela até ao nível da paisagem e o desenvolvimento de ferramentas amigáveis de apoio à decisão para paisagens florestais, capazes de captarem as preferências dos principais stakeholders sobre os bens e serviços florestais e de otimizarem a gestão florestal para garantir o fornecimento destes bens e serviços.

A preservação da paisagem mediterrânea caracterizada pela presença humana só é possível pela sua valorização, sendo a gestão dos espaços florestais numa óptica multifuncional fundamental na prossecução da estratégia a adotar. Tal estratégia passará sempre pela aposta na capacitação do saber e assim pela aposta fulcral na I&D (Quadro 5).

Face à recente evolução da crise financeira teme-se que esta tendência seja alterada e que assim o futuro esteja de certo modo comprometido. A ilustrar esta possibilidade verifica-se atualmente um decréscimo no registo de patentes na indústria transformadora, uma das componentes que se espera do processo de investigação e que representa a prazo a capacidade de desenvolver competências diferenciadoras na produtividade dos setores e na

I&D (milhares de Euros)	2001	2003	2005	2007	2008	2009
Fileira Florestal	12638	8200	8687	24183	22976	16218
Industria da Madeira e Cortiça	3025	3718	3664	11634	10482	8570
Industria da Pasta, Papel e Cartão	8870	2866	2573	3982	7513	2986
Industria do mobiliário	743	1615	2450	8567	4981	4662
Investigação Fundamental	105	116	84	547	405	504
Investigação Aplicada	6186	2047	1760	5649	6500	3164
Desenvolvimento Experimental	6347	6037	6842	17988	16020	12549
Peso no total na Indust. Transformadora (%)	7,9	5,4	4,1	7,2	5,1	3,9
Peso no total investimento em I&D (%)	3,8	2,4	1,9	2,4	1,8	1,2

Quadro 5 – Evolução da I&D do setor florestal (Adaptado de Dores e Sarmiento, 2012)

#### Bibliografia

- AFN, 2010. 5.º Inventário Florestal Nacional. 2005-2006 Relatório Final. Lisboa
- Borges, J. G., 2007. New tools for Designing Landscapes: Models and Decision Systems. Pages 27-36. In Palahi, M., Birot, Yves and Rois, Mercedes (eds.) Scientific Tools and Research Needs for Multifunctional Mediterranean Forest Ecosystem Management. EFI Proceedings N.º 56, 2007, Joensuu. Finland
- DGRF, 2007, Estratégia Nacional para as Florestas. Direção-Geral dos Recursos Florestais. Lisboa.
- Dores, V., Sarmiento, E., de Moraes, Oliveira, E., 2011. Evolução Recente da Fileira Florestal: Parte I. Boletim Mensal de Economia Portuguesa, n.º 12, GEE/GPEARl.
- Dores, V., Sarmiento, E., de Moraes, 2012. A Fileira Florestal: Parte II – Investigação, Desenvolvimento, Inovação e Políticas Públicas. Boletim Mensal de Economia Portuguesa, n.º 1, GEE/GPEARl.
- Palahi, M., e Birot, Y. (eds.), 2009. A Mediterranean Forest Research Agenda – MFRA 2010-2020, European Forest Institute – Mediterranean Regional Office – EFIMED, Barcelona, Espanha.
- Ribeiro, Nuno de Almeida e Surovy, Peter, 2008. Inventário nacional de mortalidade de sobreiro na fotografia aérea digital de 2004/2006. ICAM, Universidade de Évora.
- Santos, J. L., 2009. “Serviços dos Ecossistemas Florestais: Produção, Valoração e Valorização” In: P. F. O. Baptista; R. Jacinto e T. Mendes (Eds) Floresta Viva – Património de Futuro. Ed. da Câmara Municipal de Proença-a-Nova e do Centro de Ciência Viva da Floresta.



**Sentidos**  
de Portel





## O USO SUSTENTADO DO SOLO EM PORTUGAL

Mário Carvalho / Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM) - Universidade de Évora

A formação de solo é um processo muito lento, no qual estão envolvidos diversos factores, decisivos na quantidade e qualidade do solo formado. Entre estes factores temos a considerar o clima, a natureza da rocha mãe, a topografia, a actividade biológica e, naturalmente, a acção do homem. No território continental português, a conjugação destes factores não é favorável à criação de solo férteis e profundos.

A acção do clima faz-se sentir principalmente através da precipitação e temperatura, dado que a meteorização das rochas, que se realiza por processos físicos, químicos e biológicos, é acelerada se se conjugar a existência de humidade e temperatura.

No entanto, excessos de humidade conduzem à lavagem dos nutrientes que se libertam das rochas, assim como aumentam o risco de erosão. No caso do clima Mediterrânico, a concentração das chuvas durante o Outono/Inverno acentua estes dois aspectos (em que a erosão é ainda potenciada pela natureza dobrada da maioria do território), assim como o Verão longo e seco reduz a taxa de formação do solo. Do ponto de vista litológico também não temos condições favoráveis. Cerca de três quartos



do território são constituídos por rochas ígneas ou metamórficas ácidas, nas quais predominam o granito e o xisto, ou seja, rochas em que os minerais constituintes são pobres em cálcio e outros nutrientes importantes para o crescimento das plantas. Não é assim de admirar que em Portugal predominem os solos pouco fundos, com baixa reserva de nutrientes e ácidos (Tabela 1).

Neste contexto a acção do homem é decisiva, pois dela dependem aspectos que se prendem com a correcção

da fertilidade (particularmente a acidez), o controlo da erosão e o teor de matéria orgânica do solo.

### O Problema da Acidez

Existindo em Portugal cerca de 83% de solos com um pH em água inferior a 5,5 é natural que, em muitas situações, o crescimento vegetal seja severamente limitado pela ocorrência de toxicidades de alumínio e manganês, sendo esta última particularmente evidente em solos arenosos derivados de granito. A utilização de adubos tende a agravar estes proble-

	C.T.C.	M.O.	pH
Elevado	4.2 (> 20)	27.5 (> 2)	11.8 (> 6.5)
Médio Baixo	70.2 (10-20)	2.2 (1-2)	5.3 (5.5-6.5)

**Tabela 1:** Algumas características dos solos agrícolas portugueses. Os valores entre parenteses dizem respeito ao valor considerado como alto, médio ou baixo para cada um dos parâmetros apresentados. (C.T.C. – capacidade de troca catiónica em meq/100 g de solo; M.O.– matéria orgânica em percentagem; pH – valor medido em água). Fonte: Alves (1989).



1



3A



4A



2



3B



4B

mas, particularmente os azotados e os fosfatados.

Na fotografia 1 pode observar-se uma pastagem natural num solo Litólic com sintomas de uma toxicidade de manganês. É bem visível a alteração da composição da pastagem debaixo da copa da azinheira, em que o rumex deixa de estar presente (que na foto dá a cor vermelha ao terreno). Esta planta é muito tolerante a elevados níveis de manganês, indicando que fora da acção da árvore, o crescimento vegetal é condicionado por elevados níveis do manganês. O agravar da toxicidade pode condu-

zir a situações de grande degradação do revestimento herbáceo, em que o terreno fica dominado pela presença das plantas arbustivas e sujeito a processos erosivos intensos (fotografia 2). A aplicação de calcário dolomítico (rico em magnésio), a aplicação de fósforo e a sementeira de uma pastagem podem reverter a situação (Fotografias 3A e 3B).

### O Problema da Erosão

A erosão do solo agrícola é o problema mais grave da nossa agricultura, não só pelo que ela representa na perda de fertilidade do solo, mas também

na poluição das águas superficiais e assoreamento das albufeiras. O principal responsável por este fenómeno, no contexto agrícola, é a mobilização do solo (Fotografia 4A e 4B). A erosão do solo, para além de reduzir a sua espessura, conduz a uma grande perda de fertilidade, uma vez que o solo transportado é mais fértil que o solo que fica, em elementos como a argila, a matéria orgânica ou o fósforo (só para dar alguns exemplos). A alteração tecnológica a introduzir nos nossos sistemas de culturas (florestal, agro-silvo-pastoril ou arvense) é eliminar a mobilização do solo seja

**Fotografia 1:** Pastagem natural num solo Pg na região de Évora. As manchas vermelhas correspondem às flores do rumex, que não está presente debaixo da projecção da copa das árvores.

**Fotografia 2:** Pastagem natural num solo Pg, em Fevereiro de 2007, na região de Évora. O solo e a vegetação encontram-se em avançado estado de degradação.

**Fotografia 3A e 3B:** Recuperação de uma pastagem num solo Pg, na Herdade da Mitra (Universidade de Évora) pela aplicação de 2 t/ha de calcário dolomítico, 200 kg/ha de superfosfato 18 2 sementeira de uma pastagem (mistura Fertiprado AC 600). A imagem A mostra a pastagem natural antes da correcção e a imagem B o resultado, em Março de 2002, dos tratamentos realizados.

**Fotografia 4A e 4B:** Herdade dos Bortalos – Maio de 2001. As imagens dizem respeito a duas metades do mesmo Pivot semeado de milho, a metade A com mobilização tradicional e a metade B em sementeira directa. É bem visível a consequência negativa da mobilização do solo na sua perda por erosão.

no controlo de infestantes (recurso a herbicidas, ao pastoreio e a roça matos), seja na sementeira de culturas, para a qual se podem e devem utilizar técnicas de sementeira directa (Fotografia 5A e 5B).

**O Problema da Matéria Orgânica**

A solução mais eficaz para a recuperação da fertilidade dos solos portugueses é o aumento do teor de matéria orgânica. Actualmente mais de 70% dos nossos solos apresentam um teor de matéria orgânica inferior a 1% (Tabela 1), valor extremamente baixo e incapaz de garantir uma saudável actividade biológica do solo, que é a base da sua fertilidade. A solução deste problema obrigar a, simultaneamente, uma redução das perdas (erosão e mineralização) e a

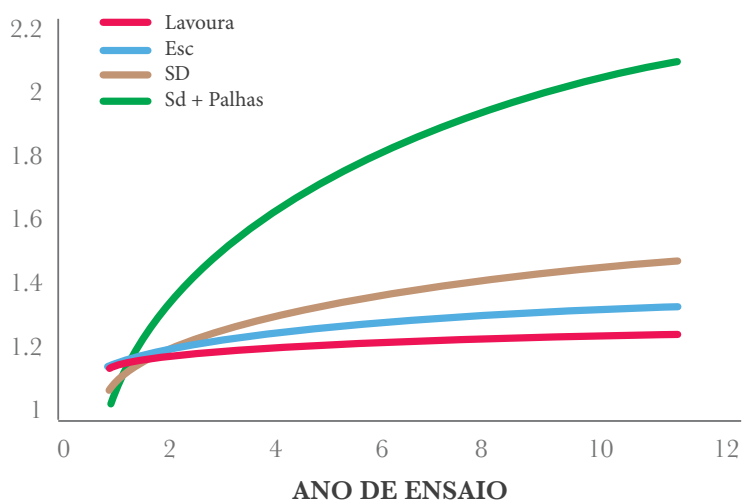


Figura 1: Teor de Matéria Orgânica (%) (0-30 cm)

um aumento das adições de matéria orgânica ao solo (resíduos das culturas e estrumes quando disponíveis). A redução das perdas obriga a eliminar as mobilizações do solo. É que estas não são apenas responsáveis por

um aumento do risco de erosão, mas também acentuam a taxa de mineralização da matéria orgânica a qual, dada a temperatura elevada do nosso clima, tem tendência para ser elevada. No entanto, na ausência de mobi-



FAZEMOS PARTE DO SEU EVENTO

www.irmarfer.com  
info@irmarfer.com 255 881 786

**IRMARFER**

T E C N O L O G Y Q U A L I T Y K N O W - H O W





lização do solo, a redução da taxa de mineralização permite aumentos da matéria orgânica do solo, particularmente se a esta tecnologia estiver associada um aumento da quantidade de resíduos que se deixam no terreno (Figura 1). Pode verificar-se pelos dados apresentados na Figura 1, que a sementeira directa das culturas permitiu, por si só, um aumento do teor de matéria orgânica do solo, mas este só foi acentuado quando, para além da ausência de mobilização, se deixaram as palhas das culturas para grão na superfície do terreno. Apesar de se tratar de um solo fértil no contexto português (solo Para-Barro Pm), o aumento do teor de matéria orgânica teve um efeito dramático na fertilidade do solo (Fotografias 6A e 6B). Em solos menos férteis à partida, como

é o caso do solo Litólico de granito (Pg), pequenas variações do teor de matéria orgânica podem ter um significado ainda maior na sua fertilidade (Fotografia 7). Na terra colhida debaixo da azinheira o teor de matéria orgânica era de 1,5%, enquanto que no solo fora da influência da árvore o seu valor era de 0,9%.

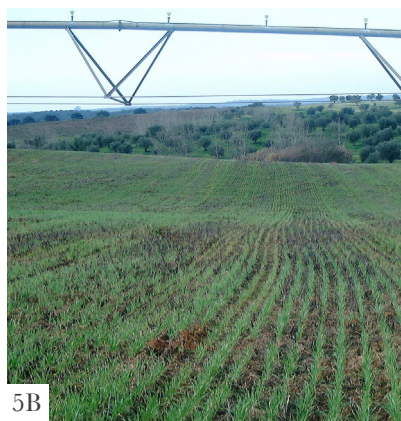
### Conclusões

Existem razões naturais que ajudam a explicar a baixa fertilidade da maioria dos solos portugueses. No entanto, o seu actual estado de degradação deve-se sobretudo à forma como os temos cultivado. A reversão da actual situação obriga a um combate à erosão e à definição de uma estratégia para a recuperação do teor de matéria orgânica. Para este efeito é necessário

acabar com a mobilização do solo, utilizando técnicas alternativas para o combate das infestantes e a sementeira das culturas. É também necessário aumentar a devolução de resíduos orgânicos ao solo, seja através dos resíduos das culturas, seja pela aplicação de estrumes, quando estes estiverem disponíveis. Nos casos em que a fertilidade dos solos esteja degradada, a ponto de se ter instalado uma toxicidade de alumínio ou manganês, a correcção desta situação pela aplicação de calcário (que deve ser dolomítico se o problema for manganês) é uma condição prévia indispensável para se dar início a um processo de recuperação da fertilidade do solo. ☺



5A



5B



6A



6B



7

**Figura 1:** Evolução do teor de matéria orgânica de um solo Pm, numa rotação de 4 anos (Tremocilha – Trigo – Aveia para feno – Cevada), em função da mobilização do solo e da quantidade de resíduos deixados no terreno (Lavouira – Mobilização do solo feita com charrua e grade de disco e a palha dos cereais enfardada; Esc – mobilização do solo feita com escarificadores e palha dos cereais enfardada; SD – sementeira directa de todas as culturas e palha enfardada; SD+Palhas – sementeira directa de todas as culturas e palha dos cereais deixada no terreno). Estudo conduzido na Herdade da Revilheira entre 1995 e 2007.

**Fotografia 5A e 5B:** Sementeira directa de cevada em Janeiro de 2004, após aplicação de herbicida para controlo da vegetação infestante e a cultura em Março do mesmo ano. Herdade da Parreira, Caborro.

**Fotografia 6A e 6B:** Herdade da Revilheira em Março de 2004. Ensaio de adubação azotada na cultura de trigo nos campos SD + Palhas (Imagem A) e Lavouira (Imagem B) relativos ao estudo apresentado na Figura 1. O teor de M.O. do solo era 2.1% (SD + Palhas) e 1.0 % (Lavouira). A barra vermelha mostra o início de um talhão sem azoto em cada um dos campos. Os níveis de azoto testados variaram entre 0 e 180 Kg N/ha.

**Fotografia 7:** Efeito do teor de matéria orgânica no crescimento de trevo subterrâneo num solo Pg. No vaso da esquerda (F) o solo foi colhido fora da influência da copa de uma azinheira e apresentava um teor de M.O. de 0.9 %, enquanto no da direita (D) o solo foi colhido debaixo da copa (M.O. de 1.5 %).



# A CONSERVAÇÃO DOS SOLOS E O MONTADO

Eugénio Menezes de Sequeira / Eng<sup>o</sup> Agrónomo, Investigador Coordenador do INIAV, Conselheiro do CNADS

O Montado é um dos agro-ecossistemas de Alto Valor Ambiental, típico do Noroeste Mediterrânico (Sudoeste da Península Ibérica), caracterizado por uma fisionomia do tipo savana, isto é, uma floresta aberta que suporta um sistema de exploração agro-silvo-pastoril em perfeito equilíbrio com a variabilidade do clima mediterrânico, isto é, um sistema adaptado às condições imprevisíveis da precipitação, temperatura, relevo e solo.

Este sistema do tipo savana, é dominado em Portugal e Espanha pela azinheira (*Quercus ilex*), pelo sobreiro (*Quercus suber*) e em menor grau pelo carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) e pelo carvalho português (ou lusitano) (*Quercus faginea*), num mosaico em que existe produção arvensa (searas ou forragem) sob coberto intercalado com pastagens, ou pousio curto, e com matos altos e mesmo matagais (sobreirais, azinhais, cercais, carvalhais), nas zonas mais declivosas.

É este mosaico, e este equilíbrio entre as formas de exploração, densidades de coberto, e as condições edafo-climáticas que tem permitido desde sempre a conservação dos recursos (componentes ambientais naturais), solo, água, diversidade biológica, bem como da paisagem (componente ambiental humana).

De facto, desde a idade média que este sistema existe para os direitos (direito de compásuco e montadego ou ainda



montido) relacionados com o uso do pasto em zonas arborizadas, em terrenos quer do rei quer dos senhores e ordens, associado ou não à transumância, e que permitiu, nas zonas sub-húmidas secas e semi-áridas, pastorear o gado, o aproveitamento dos frutos silvestres para o gado (Seita Coelho, 2007).

É um sistema que tem resistido aos muitos atropelos técnicos, desde lavouras excessivas, sobrepastoreio, abandono e até fogos, permitindo a conservação do solo e da água, quer a produção de pão e em especial de gado, de caça de qualidade e de enorme diversidade biológica.

## A alteração climática

### e o aumento do risco de Desertificação

A alteração climática em curso está a aumentar o risco de Desertificação, pela redução do coberto vegetal, em resultado da redução da precipitação e alteração da sua distribuição, do aumento da evapotranspiração pelo aumento da temperatura com aumento da velocidade de mineralização da matéria orgânica mas em especial pela ocorrência de eventos extraordinários (grandes chuvadas de extrema intensidade, períodos de seca extrema prolongados), que potencialmente causam enormes erosões em especial em solos sem coberto (Santos & Miranda, 2006). Esta alteração terá consequências na distribuição das espécies dominantes do montado, da capacidade de suporte dos ecossistemas impondo-se um acompanhamento de

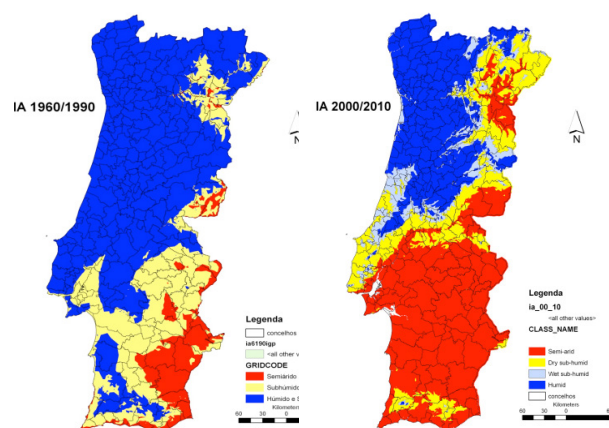


Figura 1 - Índice de Aridez em Portugal - Sua evolução, O que era e o que é em 2010. O que será no Futuro?

forma a adaptar a gestão do montado de forma a reforçar a resistência a este novo impacto.

O domínio da azinheira coincidia com as áreas semi-áridas, enquanto o sobreiro dominava na zona mais costeira nas áreas sub-húmidas secas, mas as alterações climáticas, o aquecimento e o aumento da aridez farão o sobreiro subir para as zonas mais altas da serra algarvia e para Norte para o vale do Tejo (Figura 1).

Uma das medidas minimizadoras e de adaptação é a retenção da água, evitando o escoamento superficial por acção da vala e câmara de nível (Figura 2).

### A existência de coberto arbóreo, o solo e a pastagem

A existência de coberto arbóreo tem um efeito conhecido no aumento dos nutrientes do solo na área da copa, por uma dupla acção:

Alteração da temperatura e humidade do solo, a acumulação biológica de nutrientes quer pela água que atravessa a copa, quer pela deposição de folhados.

A redução da decomposição da matéria orgânica do solo e ainda a deposição da folhada o que aumenta o teor de matéria orgânica a humidade e portanto a fertilidade (Salgueiro, 1973, Ibanez *et al.*, 1987, Teixeira *et al.*, 1980, Sequeira 1989).

Já Vieira Natividade em 1950 (Natividade, 1950) referia “a conservação da fertilidade da terra constitui um dos problemas mais prementes da subericultura portuguesa. O declínio alarmante do teor em matéria orgânica cada vez mais inferioriza as condições físicas do solo, acentua a perda de bases, facilita o trabalho erosivo, enfraquece a actividade microbiana, torna mais pronunciada a aridez”. Já nessa altura se referia que esta redução resultava das sucessivas mobilizações, chamadas de limpeza, e cultivo sob-coberto, que não só danificavam as raízes do coberto arbóreo, como aumentavam a mineralização da matéria orgânica e aumentavam a erosão, provável razão do declínio do montado, da morte do sobreiro.

### A matéria orgânica do solos e o Combate à Desertificação

Estes sistemas, são sistemas de Alto Valor Ambiental (Hoogeveen *et al.*, 2004, Lima Santos *et al.*, 2006, Sequeira 2008), e cumprem até os requisitos propostos por Saffriel (2009) para monitorizar o combate à Desertificação, à perda de diversidade biológica e o aumento o sumidouro de Carbono (Sequeira, 2008, Teixeira *et al.*, 2008 a, 2008 b, Gomez-Rey *et al.*, sd), através do enriquecimento do solo em matéria orgânica.

No entanto se o aumento de carbono no solo sob pastagem depende do mancio e da composição da pastagem

(Teixeira *et al.*, 2008 a), podendo nas pastagens naturais a Matéria Orgânica do Solo aumentar de 0,87% (de 0 a 10 cm de profundidade) para 1,2% em 10 anos, caso seja fertilizada o aumento será maior, para 2,0%, e melhorada com o uso de leguminosas (pastagem denominada biodiversa) pode atingir nos mesmos anos cerca de 3,0%.

Este aumento resulta de:

- 1 .Deposição do folhado, recirculação dos nutrientes, aumento de material orgânica do solo, protecção da superfície (mulching) e intercepção da chuva pela copa, redução do escoamento superficial e da sua velocidade.
- 2 .Alteração micro-climática pelo sombreamento, em especial a Norte da copa, com redução da temperatura do solo e redução da taxa de mineralização da material orgânica do solo.
- 4 .Sistema radicular profundo do coberto arbóreo, com aumento da taxa de formação do solo.
- 5 .A acção da pastagem.

A composição e a melhor gestão da pastagem poderá aumentar o carbono sequestrado no solo, podendo atingir 3,2 a 4,5 ton de CO<sub>2</sub> ha<sup>-1</sup> ano<sup>-1</sup>, o que para um cenário de 300.000 ha previsível de pastagem biodiversa implantada



**OLIVAIS  
DO SUL**

**Para si fazemos o melhor azeite**

OLIVAIS DO SUL, Sociedade  
Agro-Pecuária, Lda.  
Herdade da Azambuja,  
7220-205 Monte do Trigo  
Alentejo | Portugal

www.olivaisdosul.com  
olivaisdosul@olivaisdosul.com  
tel. +351 266 647 030 | fax. +351 266 647 088



**Figura 2**- Azinhal implantado em Castro Verde em 2002, em vala e cômoro, com ecótipos de baixo teor em tanino.



**Figura 4** - Um pormenor da pastagem

em montado daria um sequestro de cerca de 960.000 a 1.350.000 toneladas de  $\text{CO}_2$  ano<sup>-1</sup>. Este efeito é bem visível nos dados (Gomez-Rey *et al.*, sd), que verificou como nós que à medida que nos afastamos do tronco, o teor em C decresce sensivelmente, em especial no caso da pastagem biodiversa. O mesmo se passa para N total do solo, verificando-se que o decréscimo, como seria natural, é mais acentuado no caso da pastagem biodiversa dada a presença de leguminosas.

A acumulação de C orgânico no solo, e a forma como está, mais ou menos lábil, complexado com os óxidos, ou complexado com as partículas sólidas, tudo depende da matéria orgânica original e das condições biológicas.



**Figura 3** - Um aspecto da pastagem Biodiversa



**Figura 5** - Acarramento do gado, e seu provável efeito de compactação do solo e excesso de nutrientes

A matéria orgânica proveniente das folhas do extracto arbóreo e o azoto dos dejectos do gado e da pastagem com leguminosas (biodiversa). Este papel precursor do húmus é favorecido pela complexidade inicial da estrutura da lenhina, que exige mecanismos enzimáticos específicos de despolimerização microbiana (Figura 3 e 4).

#### **A densidade do coberto e o tipo de pastagem**

O risco de excesso de pisoteio pelo gado, simultâneo com o excesso de dejectos provocados pelo acarramento do gado nos dias de maior calor, bem como a competição para a água entre o extracto arbóreo e o herbáceo, o encabeçamento do gado e o seu manéio são factores que terão que ser estudados face às alterações climáticas em curso, mas os dados existentes mostram que esta é o melhor agro-ecossistema para a manutenção da fertilidade do solo. Apesar disso é necessário estudar a manéio do gado e os seus efeitos na pastagem (Figura 5).

Igualmente a dificuldade de regeneração do montado em sistemas mais intensivos, torna imprescindível a intervenção humana, com a plantação ordenada de novos ecótipos, o que permitirá, igualmente melhorar a produtividade do sistema, escolhendo variedades de baixo teor em taninos (Almeida, 1970), e assim aumentar a produtividade animal eliminando o bloqueamento da digestão proteica. ♻️



Campilhos, Apartado 39  
8375.999 S.B. MESSINES

Tel. + 351 282 333 140

Fax. + 351 282 333 149

Email [maja@mail.telepac.pt](mailto:maja@mail.telepac.pt)

**Bibliografia**

- Almeida, J. A. A., 1970- **Influência dos taninos de Quercus ilex L. e Quercus suber L sobre a fermentação reticulo-ruminal e a digestão enzimática das proteínas.** Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.
- Gómez-Rey, M. X.; Garcês, A.; Coutinho, J., & Madeira, M. – Effects of improved pastures on soil organic carbon and N availability in Oak woodlands in Southern Portugal. **Em publicação. (sem data).**
- Hoogeveen, Y; Peterson, J. E.; Balazs, K. & Higuero, I., 2004- *High Nature Value Farmland. Characteristics, trends and policy challenges.* European Environmental Agency, EEA report n° 1/2004
- Ibanez, J.; Garcia, A & Monturial, E., 1987- Heterogeneidade edáfica inducida por el adhesionamento del Bosque Mediterraneo. Seminário sobre dehesas y sistemas agrosilvopastorales similares. Madrid. 14 pp.
- Joffre R, Hubert B & Meuret M (1991) Les systèmes agro-sylvo-pastoraux méditerranéens: enjeux et réflexions pour une gestion raisonnée. **Dossier MAB 10**, UNESCO, Paris, France, 96 pp
- Joffre R., Rambal, S. & Ratte, J. P. 1999- The dehesa system of southern Spain and Portugal as a natural ecosystem mimic. **Agroforestry Systems 45**: 57-79. Kluwer Academic Publishers. Printed in the Netherlands.
- Lima Santos, J. M. (Coord.) Ribeiro, F. R.; Carvalho, C. R.; Beja, P. & Alves R., 2006- *Uma estratégia de gestão agrícola e florestal, para a Rede Natura 2000. Relatório Final do Estudo sobre a integração da Gestão da Rede Natura 2000 na Estratégia Nacional de Desenvolvimento Rural 2007-2013.* Instituto Superior de Agronomia/ Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.
- Natividade, J. V., 1950 – **Subericultura.** 2ª ed. Direcção Geral das Florestas. Lisboa.
- Safriel, Uriel, 2009- *Monitoring Carbon Stocks of Northern Mediterranean Drylands. A Proposal for a Northern Mediterranean Regional Project, presented to the Northern Mediterranean Implementation Annex (Annex IV) of the UNCCD.* Prepared by Safriel, 2009, Center for Environmental Conventions, Blaaustein Institutes for Desert Research. Sede Boqer Campus, Israel Submitted by Delegation of Israel to COP 9, to the Focal Points of Annex IV country parties.

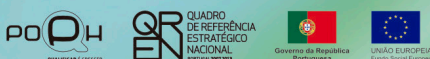
- Salgueiro, T. A.. 1973- A contribuição das azinheiras e dos sobreiros para a fertilidade dos solos. **Fundo de fomento Florestal** . Estudo 1
- Santos, F. D. & Miranda, P. (editors) 2006- **Alterações climáticas em Portugal . Cenários, Impactos e Medidas de adaptação. Projecto SIAM II.** Gradiva – Publicações Lda.
- Seita Coelho, 2007- A silvopastorícia, uma perspectiva histórica. **Árvores e Florestas de Portugal Vol. 03- Os Montados , muito para além das árvores, II A azinheira, ícone da paisagem alentejana:** 177-210. Edição de Fundação Luso Americana; Público; Liga para a Protecção da Natureza.
- Sequeira, E. M., 1989- **Protecção do solo no Alentejo.** Programa de Investigação na Área da Pedologia para concurso de acesso a Investigador Coordenador- EAN, Oeiras.
- Sequeira, E. M., 2008- Pasture and fodder crop as part of High Natural Value farm Systems at Mediterranean dryland agro-ecosystems. *Options méditerranéennes. Série A: Séminaires Méditerranéens 79- Sustainable Mediterranean Grasslands and their Multi-Functions.* CIHEAM : 17-22
- Teixeira, A. J. Silva; Sequeira, E. M.; Lucas, M. D. & Santos, M. J.- 1980- Solos arenosos da região Míoi-Plio-Pleistocénica a Sul do Tejo. I- Características. Micronutrientes totais e extraíveis. **Agronomia lusitana 40** (1): 41-78.
- Teixeira, R.; Domingos, T.; Costa, A. P. S. V.; Oliveira, R.; Farropas, L.; Calouro, F.; Barradas, A. & Carneiro, J. . 2008 a- *The Dynamics of soil organic matter accumulation in portuguese grassland soils. Options méditerranéennes. Série A: Séminaires Méditerranéens 79 Sustainable Mediterranean Grasslands and their Multi-Functions.* CIHEAM : 41-44.
- Teixeira, R.; Domingos, T.; Costa, A. P. S. V.; Oliveira, R.; Farropas, L.; Calouro, F.; Barradas, A. & Carneiro, J. . 2008 b- Carbon sequestration in biodiverse sown grasslands. *Options méditerranéennes. Série A: Séminaires Méditerranéens 79 . Sustainable Mediterranean Grasslands and their Multi-Functions.* CIHEAM: 123- 126.



**geração mais**  
**Cool**  
OFERTA FORMATIVA 2013/2014



“Ensinar a Aprender”  
“Valorizar o esforço e o rigor;  
promover a criatividade, a inovação,  
e o empreendedorismo...”  
EPRAL – Estabelecimento de Ensino Exemplar (OCDE, 2000)



**CURSOS**  
**PROFISSIONAIS** **NÍVEL IV**

## Évora

- Apoio à Infância
- Animação 2D e 3D
- Comunicação - Marketing, Relações Públicas e Publicidade
- Hotelaria / Restauração
  - Restaurante - Bar
  - Cozinha - Pastelaria
- Organização de Eventos
- Processamento e Controlo de Qualidade Alimentar
- Construção Civil
  - Desenho
  - Condução de Obras

## Estremoz

- Multimédia
- Apoio à Infância
- Hotelaria / Recepção

**Inscribe-te já!**

[www.epral.pt](http://www.epral.pt)



## DEGRADACIÓN Y CONSERVACIÓN DEL SUELO EN EL MONTADO

Gerardo Moreno Marcos / Grupo de Investigación Forestal. Universidad de Extremadura. España

La orografía, la baja fertilidad de los suelos y las limitaciones climáticas han impedido el desarrollo de la agricultura intensiva en amplias zonas del suroeste Ibérico, al igual que de otras regiones de la cuenca mediterránea, donde ha dominado el uso pastoral del territorio (Pardini, 2007). Sin embargo, el pastoreo ha manifestado su papel deforestado en muchos lugares del mundo. El ganado anula casi todas las opciones de regeneración del arbolado (Pulido *et al.*, 2010), lo que unido al uso recurrente del fuego para obtención de pastos (Grove and Rackman, 2001), han provocado que los paisajes desarbolados sean dominantes en amplios territorios de la Cuenca Mediterránea.

No obstante, aún persisten paisajes y sistemas de pastoreo que conservan un estrato arbóreo disperso, compatible con la producción de pasto forrajero, entre los que destacan las dehesas y montados que se extienden por alrededor 4 millones de ha (Marañón *et al.*, 2009). Los suelos más fértiles, que producían cosechas agrícolas más altas, fueron roturadas y desarboladas a lo largo de los siglos, y actualmente aparecen como grandes extensiones agrícolas desarboladas. Los montados actuales persisten sobre suelos generalmente pobres, con escasa potencia, bajo contenido en materia orgánica, mayoritariamente ácidos, y pobres en nutrientes esenciales. Estos sistemas silvopastorales el arbolado, además de actuar como bancos forrajeros que proveen anualmente de frutos (como las bellotas en los montados) y periódicamente de follaje (ramoneo de podas), contribuye al mantenimiento de la fertilidad del suelo. El papel del árbol como mejorador de la calidad del suelo ha sido ampliamente documentado. Sus raíces profundas bombean nutrientes desde el sustrato rocoso, incorporándolos posteriormente al perfil del suelo en forma de hojarasca. Contenidos en materia orgánica, nitrógeno y potasio generalmente se duplican bajo la influencia de la copa de los árboles y/o arbustos en comparación con las zonas abiertas (Moreno y Pulido 2010). Como consecuencia de la eficiencia en el uso de los nutrientes, la presencia de árboles en las parcelas agrícolas permite la reducción de los aportes de fertilizantes (Moreno *et al.* 2007).

Dehesas y montados son reconocidos por la capacidad

que tienen para abastecer de recursos forrajeros a la vez que provee de forma muy eficiente de servicios ambientales públicos (e.g., fijación de carbono, biodiversidad). Este reconocimiento le ha valido ser incluido en el listado de la Directiva Europea de hábitats a proteger, y en la cartografía de Sistemas Agrícolas de Alto Valor Natural (Oppermann *et al.* 2012). Sin embargo los montados actualmente atraviesan por dificultades ambientales y económicas que comprometen la persistencia futura de estos sistemas. Los cambios en el contexto tecnológico y socioeconómico, las tendencias actuales de la agricultura intensiva y la política agraria de las últimas décadas están imponiendo una pérdida progresiva del conocimiento empírico tradicional, una caída gradual de la rentabilidad de los montados y sus productos, y la degradación del sistemas (Pereira *et al.*, 2004). Dos tendencias divergentes se están produciendo al mismo tiempo, la intensificación y la extensificación (Pinto-Correia, 2000; Papanastasis, 2004). La intensificación (e.g., aumento de carga ganadera; Figura 1) produce una pérdida gradual de la calidad del suelo y biodiversidad, envejecimiento de la masa arbolada y falta de regeneración natural del arbolado. La extensificación conlleva la inmediata matorralización de las zonas son abandonadas, produciéndose cambios en el funcionamiento y productividad del sistema, y aumento del riesgo de incendio.

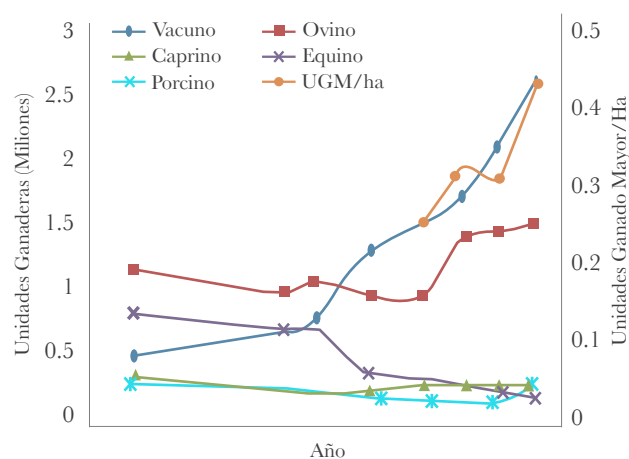


Figura 1. Evolución temporal del número de cabezas de ganado en las dehesas españolas (Moreno y Pulido 2009).

# Formações Modulares Certificadas

2012 | 2013

## Acredite!

A aposta na formação fará a diferença...

Frequência  
Gratuita



## Áreas de Formação:

- » Formação de Base
- » Audiovisuais e Produção dos Media
- » Ciências Informáticas
- » Comércio
- » Construção Civil e Engenharia Civil
- » Secretariado e Trabalho Administrativo
- » Contabilidade e Fiscalidade
- » Trabalho Social e Orientação
- » Serviços de Apoio a Crianças e Jovens
- » Segurança e Higiene no Trabalho
- » Produção Agrícola e Animal
- » Hotelaria e Restauração
- » Turismo e Lazer

### Destinatários:

- » Adultos com idade igual ou superior a 18 anos
- » Ativos empregados e desempregados

### Apoios aos Formandos:

- » Subsídio de refeição
- » Outros apoios (quando aplicável):
- » Subsídio de transporte
- » Bolsa de formação

Informações através de:

<http://www.fundacao-alentejo.pt/fmc>  
formacaoadultos.fa@gmail.com

Siga-nos em:

[www.facebook.com/FormacaoAdultos.FA](http://www.facebook.com/FormacaoAdultos.FA)



Évora:

Rua do Raimundo, nº 56, 7000-661 Évora  
Tel. 266 732 301 | 266 759 100

Estremoz:

Largo Combatentes Grande Guerra, nº 6  
7100-111 Estremoz | Tel. 268 337 010



El estado actual de los suelos de las dehesas es globalmente malo, encontrándose cuando menos moderadamente degradados (Figura 2). El pastoreo con ganado asegura el rápido reciclado de nutrientes y así su productividad. Pero el pastoreo inadecuado excesivo genera compactación superficial del suelo, disminuyendo la infiltración y las reservas hídricas y aumentando el riesgo de erosión. Ésta a su vez se ve favorecida por la presencia del ganado en la dehesa durante periodos deficitarios de alimento, principalmente en verano, pudiendo quedar el suelo completamente desnudo y expuesto a las primeras lluvias otoñales, de régimen generalmente torrencial. Donde el laboreo ha sido práctica habitual el estado de degradación es mayor. Además la pérdida progresiva de arbolado asociada al laboreo y/o refuerza la degradación y erosión del suelo. La pérdida de

suelo por erosión es un fenómeno generalmente inadvertido pero muy relevante en la dehesa si lo comparamos con el monte no aclarado. Se ha constatado que la pérdida de suelo aumenta considerablemente con la disminución de la cobertura arbórea de la dehesa (Tabla 1).

El potencial del arbolado para reducir la erosión del suelo es ampliamente conocido. Las copas de los árboles reducen la energía cinética de las gotas de lluvia, mitigando así su potencial disgregador de la los agregados del suelo. La hojarasca generada por el árbol, junto con el pasto restante, evita en gran medida el impacto directo de las gotas de lluvia sobre los agregados del suelo, reduciendo la dispersión de sus partículas de forma mucho más eficiente que lo hacen las propias copas de los árboles. Finalmente, las raíces del árbol contribuyen también a la agregación de las

Parámetro	Práctica de Manejo <sup>1</sup>				Cobertura arbórea <sup>2</sup>			
	PN.	S.T.	S.D.	PF.	HTD	MTD	Desarbolado	BC
Cobertura Suelo, %	50	58	58	58	85	55	35	80
Escorrentía superficial, % lluvia	12,3	12,7	2,3	18,6	12	30,5	36,3	11,1
Tasa de Erosión, g/m <sup>2</sup> /año	98,4	14,5	12,7	27,8	3,1	5,2	5,8	0,9

**Tabla 1.** Efecto de la cobertura arbórea y del manejo del suelo en la pérdida de suelo por erosión (Moreno y Pulido 2010).

<sup>1</sup>NP: Pasto Natural; TS: Siembra Tradicional; DS: Siembra Directa; FP: Pasto fertilizado.

<sup>2</sup>Cobertura arbórea: HTD: Alta densidad arbolada; MDT: Densidad arbolada media; BC: Bajo Encina.

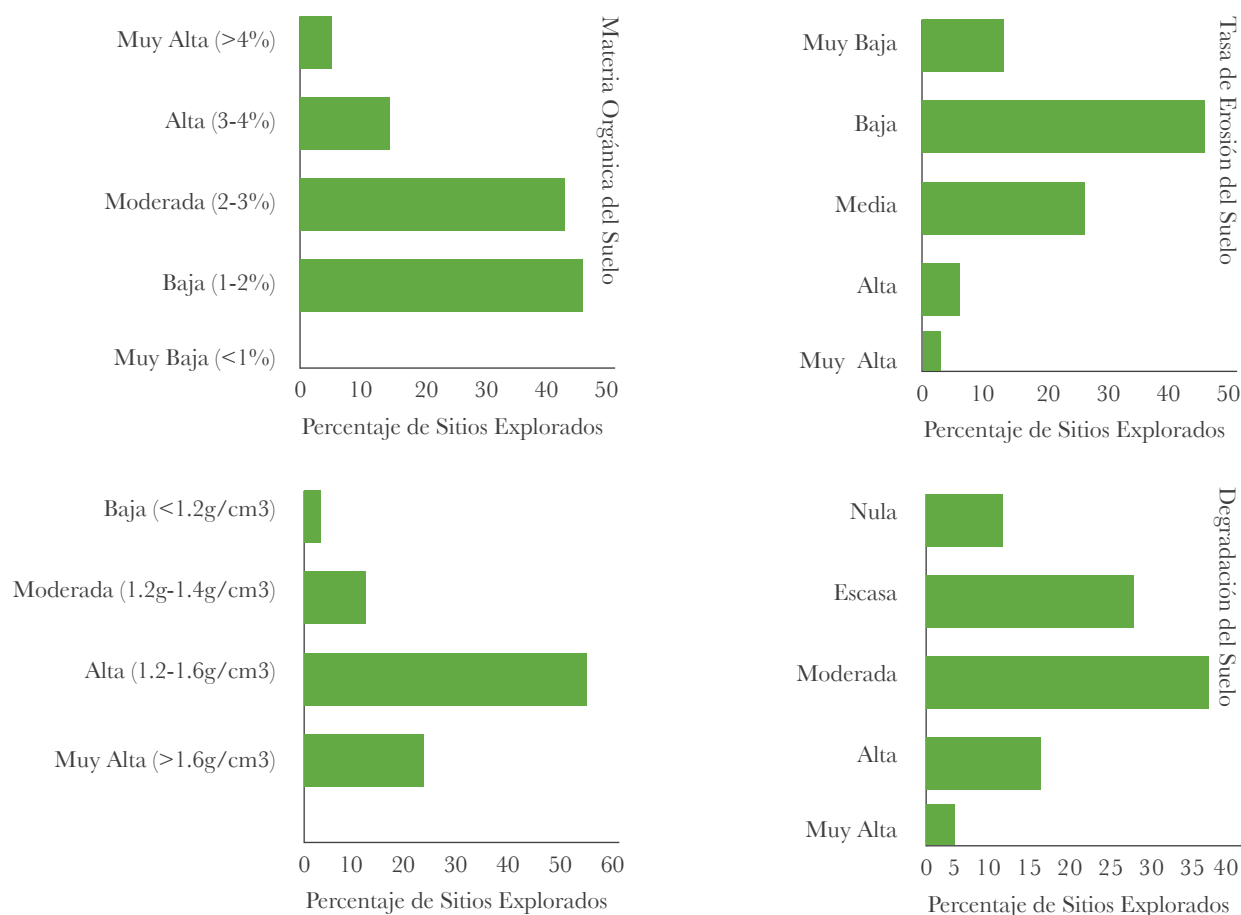


Figure 2. Estado de degradación del suelo en dehesas (Schnabel et al 2005).

partículas del suelo dificultando su arrastre por el agua de escorrentía. Estos mecanismos de protección del suelo se unen al hecho de que la presencia del árbol generalmente aumenta la generación de bioporos y la velocidad de infiltración del agua del suelo, reduciendo de forma muy notable la escorrentía superficial y así el potencial erosivo de los eventos lluviosos.

Aunque menos generalizadas, también deben señalarse las consecuencias de la concentración del ganado sobre la degradación química del suelo. El exceso de nitrógeno presente en la orina y excrementos del ganado da lugar a profundos cambios en la nutrición de los árboles, hasta provocar la muerte de muchos de ellos, especialmente en cercados porcinos y cebaderos de bovino. La pérdida de calidad de los suelos está asociada con la reducción de la productividad vegetal de las dehesas, y podría estar relacionada con el decaimiento del arbolado, además de dificultar la regeneración natural. Finalmente, la degradación del suelo implica una pérdida de capacidad para fijar CO<sub>2</sub> atmosférico en las dehesas, unos de los servicios ambientales más demandados en la actualidad.

En el manejo cotidiano de la dehesa deben incorporarse

nuevas prácticas de manejo que permitan la conservación y mejora de la calidad de los suelos de la dehesa. De forma fundamental se debe potenciar el aumento de la materia orgánica en el suelo, así como garantizar la presencia de cobertura vegetal permanente y recuperar cobertura arbórea. A continuación se proponen una serie de prácticas de manejo a explorar.

**a** .Reducción en lo posible del laboreo, y donde se precise, aplicar prácticas de mínimo laboreo y siembra directa.

**b** .Añadir fuentes de Carbono al suelo, para mejorar el contenido de materia orgánica en el suelo. Fuentes de C estable y persistente son el compost y el estiércol, y en menor medida los lodos de depuradoras y purines. Sin embargo, quizás las fuentes más interesantes a explorar para el montado, por producirse en el mismo, son la aplicación triturado de los restos de podas (ramial wood chips), en lugar de su quema, y la producción y aplicación al suelo de carbón (biochar). La aplicación de algunos de estos residuos permitirían reducir la aplicación de fertilizantes minerales (especialmente la fosfórica).

**C** .Explorar las condiciones óptimas para la implantación y pastoreo de pastos ricos en leguminosas (Bio-



diverse Permanent. Pastures Rich in Legumes; SBPPRL).

**d**. Reducir la carga ganadera de la dehesa y permitir el descanso estival de las mismas, En relación a tales prácticas, no se ha prestado atención suficiente a los efectos que la forma de conducir el pastoreo (época, duración, carga ganadera, especies y razas), puede tener sobre la producción animal, las características de los pastos y las propiedades edáficas.

**e**. Incremento temporal de la cobertura arbustiva (por teselas en un plan programado de rotación temporal). Los arbustos permiten la regeneración de las condiciones del suelo y su fertilidad, especialmente si se trata de leguminosas como la Retama (Rolo y Moreno 2012), además de favorecer la regeneración de encinas y alcornoques (Plieninger et al 2011).

Para poder generalizar estas prácticas se necesita un apoyo administrativo y financiero suficiente, que debe justificarse con la constatación científica del beneficio productivo y ambiental (público) de las prácticas de manejo a financiar. La investigación participativa, donde la comunidad científica colabora con propieta-

rios y otros agentes interesados es el camino adecuado para la consecución de conocimiento científico de aplicación inmediata y para la generalización de las prácticas más ventajosas ambiental y económicamente. ☉



La presencia matorral va a favorecer la regeneración del arbolado y la mejora de la fertilidad química, física y biológica del suelo.

## Referencias

Schnabel S., Lavado Contador JF, Gómez Gutiérrez A, Lagar Timón D. 2005. La degradación del suelo en las dehesas de Extremadura. En: Espejo Díaz M, Martín Bellido M, Matos C, Mesías Díaz (coord.) *Gestión Ambiental y Económica del ecosistema dehesa en la Península Ibérica*. Junta de Extremadura, págs. 63-71.

Gibbons P., Lindenmayer D.B., Fisher J., Manning A.D., Weinberg A., Seddon J., Ryan P. and Barrett G., 2008. The future of scattered trees in agricultural landscapes. *Conserv. Biol.* 22, 1309–1319.

Grove A.T. and Rackham O., 2001. *The Nature of Mediterranean Europe: An Ecological History*. New Haven, Yale University Press. 524 pp.

Marañón T., Pugnaire F. and Callaway R.M. 2009. Mediterranean-climate oak savannas: the interplay between abiotic environment and species interaction. *Web Ecology* 9: 30-43.

Moreno G. and Pulido F.J. 2009. The functioning, management and persistence of Dehesas. In: Rigueiro-Rodríguez, A. McAdam, J. Mosquera-Losada, M.R. (eds.) *Agroforestry in Europe, Current Status and Future Prospects, Advances in Agroforestry*, pp. 127-160. Springer, Heidelberg.

Moreno, G., Obrador, J., García, A., 2007. Impact of evergreen oaks on soil fertility and crop production in intercropped dehesas. *Agricul. Ecosyst. Environ.* 119, 270-280.

Oppermann R, Beaufoy G, Jones G. (eds.) 2012. High Nature Value Farming in Europe. 35 European countries – experiences and perspectives. Verlag Regionalkultur, Ubstadt-Weiher. ISBN: 978-3-89735-657-3.

Papanastasis V.P., 2004. Vegetation degradation and land use changes in agrosilvopastoral systems. In: Schnabel S, Ferreira A (eds.) *Sustainability*

*of agrosilvopastoral systems*. Adv. in GeoEcology, vol 37. Catena Verlag, Reiskirchen, Germany, pp1–12. Pardini 2007

Pardini A., 2007. A perspective on the valorization of agro-silvo-pastoral systems in the Mediterranean Basin. *Pastos y Forrajes* 30: 77-105.

Pereira H.M., Domingos T. and Vicente L. (eds.), 2004. *Portugal Millennium Ecosystem Assessment: State of the Assessment Report*. Centro de Biologia Ambiental de la Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa

Pinto-Correia, T. 2000. Future development in Portuguese rural areas: how to manage agricultural support for landscape conservation? *Landscape and Urban Planning* 50: 95-106.

Plieninger T, Rolo V, Moreno G. 2010. Large-scale patterns of *Quercus ilex*, *Quercus suber* and *Quercus pyrenaica* Regeneration in Central-Western Spain. *Ecosystems* 13(5):644-660.

Pulido F., García E., Obrador J.J. and Moreno G., 2010. Multiple pathways for tree regeneration in anthropogenic savannas: incorporating biotic and abiotic drivers into management schemes. *Journal of Applied Ecology* 47: 1272-1281.

Pulido FJ, Picardo A (cords.) 2010. Libro Verde de la Dehesa. Documento para el debate hacia un Estrategia Ibérica de gestión. ([www.eweb.unex.es/eweb/accionporladehesa/documentos/libro\\_verde\\_dehesa.pdf](http://www.eweb.unex.es/eweb/accionporladehesa/documentos/libro_verde_dehesa.pdf)).

Rolo V, López-Díaz M L and Moreno G. 2012. Shrubs affect soil nutrients availability with contrasting consequences for pasture understory and tree overstory production and nutrient status in Mediterranean grazed open woodlands. *Nutrient Cycling Agroecosystems*, 93: 89-102.





## “MONTADO – PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE”

Elisa Pérez Babo / Quaternaire Portugal

1. Hoje o reconhecimento da *paisagem* enquanto referência identitária e herança cultural a preservar encontra-se amplamente difundido, quer dentro das instâncias institucionais, com responsabilidade política a diversos níveis, quer junto de diversos stakeholders que intervêm no território, mas também junto de um segmento crescente da população. A ampliação ao longo do tempo do conceito

conjuntos urbanos, as paisagens naturais e culturais e, mais recentemente, as “práticas, representações, expressões, conhecimento e aptidões” associadas às comunidades e que constituem o património cultural imaterial.

O conceito de *paisagem cultural* passa a ocupar um lugar no quadro da Convenção sobre o Património Mundial<sup>1</sup> apenas a partir de 1992, coincidindo com o estabelecimento das respetivas

*nativa e espiritual da humanidade*” e que “fazem parte da nossa identidade coletiva”.

A necessidade de diferenciar paisagens com características muito diferentes, dentro daquelas que contem uma presença e a intervenção marcantes do homem, e que se inscrevem dentro do conceito de paisagens culturais, justificou também no seio das Orientações da UNESCO o estabelecimento de diversas categorias, contribuindo para melhor diferenciar os atributos específicos e os valores que, em cada caso, podem vir a justificar ou justificaram a designação de Património da Humanidade.

No âmbito deste artigo e pensando sobretudo no caso do Montado, faz sentido incluir ainda uma especial referência à categoria de *paisagem essencialmente evolutiva*<sup>3</sup>, a qual segundo a UNESCO, “*resulta de uma exigência de origem social, económica, administrativa e/ou religiosa e atingiu sua forma atual por associação e em resposta ao seu ambiente natural. Estas paisagens refletem esse processo evolutivo na sua forma e na sua composição.*” Importa ainda clarificar que este conceito de paisagem se subdivide em duas categorias, paisagem relíquia (*fóssil*) e paisagem viva. No caso das ***paisagem essencialmente evolutiva e viva***, segundo a definição estabelecida, “*conserva um papel social ativo na sociedade contemporânea, intimamente associado ao modo de vida tradicional e na qual o processo evolutivo continua. Ao mesmo tempo, mostra provas manifestas da sua evolução ao longo do tempo.*”



de património cultural, com especial relevância durante o século passado, foi condição essencial para introduzir a paisagem dentro dos quadros referenciais internacionais e nacionais (legislativos, regulamentares, políticos, económicos, etc.) do património e da sua salvaguarda.

Entretanto a UNESCO (Comité do Património Mundial) assume um papel determinante no processo de evolução do conceito de património cultural com valor universal, inclusive na abrangência de bens tão distintos quanto os monumentos arquitetónicos – obras construídas pelo homem, os bens artísticos,

categorias e dos critérios que virão a ser aplicados no quadro da classificação destes bens. Segundo o texto adotado<sup>2</sup> “*As paisagens culturais são bens culturais que representam as ‘obras conjugadas do homem e da natureza’, a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade e dos povoamentos ao longo dos tempos, sob a influência de constrangimentos físicos e/ou das oportunidades oferecidas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, internas e externas.*” Trata-se de espaços ou territórios que, com diferentes características, “*testemunham o génio criativo, o desenvolvimento social e a vitalidade imagi-*

2 .Esta introdução permite-nos situar a pergunta ou a afirmação de base que correspondem ao tema do presente artigo, Montado - Património da Humanidade?!

Neste momento estão em curso um conjunto de estudos técnicos de levantamento e de caracterização<sup>4</sup> do Montado que têm como principal objetivo estabelecer os fundamentos para uma posterior proposta de inscrição do Montado na Lista do Património da Humanidade<sup>5</sup>. Estes estudos têm sido orientados no sentido de uma análise e avaliação integradas das características - físicas, socioeconómicas, históricas, simbólicas, regulamentares, entre outras, e das singularidades da paisagem do Montado, incluindo das formas de gestão e exploração que lhe estão associadas, à luz dos desafios que o quadro conceptual e de cri-

térios estabelecidos pela UNESCO. Algumas das questões fundamentais para a evolução destes estudos situam-se na compreensão e reconhecimento dos elementos específicos, distintivos e capazes de justificar a singularidade e a universalidade da paisagem de Montado. Deste modo colocaram-se desde logo questões que tem vindo a fundamentar uma reflexão multidisciplinar, entre os vários intervenientes no processo, tais como:

- O que é que distingue o Montado dentro de um sistema paisagístico e territorial mais vasto que decorre da transformação histórica do bosque mediterrâneo?
- O que é que o sistema do Montado tem de singularidade, de especificidade, de universalidade, considerando as suas diversas componentes?

• Em que medida é que este sistema do Montado ganha valor universal dentro da sua estrutura física, humana e socioeconómica?

• Que atributos se podem classificar como decisivos e justificativos do carácter singular e universal do Montado?

• Quais são por fim, as condições de sustentabilidade dessa paisagem?

A estas questões associou-se, desde o início, o desafio essencial de definir e de delimitar, conceptual e territorialmente, o que se entende por Montado. A complexidade da paisagem do Montado e a sua grande variedade de formas, que encontramos predominantemente, dentro do território nacional, no Alentejo e no Vale do Tejo, mas que se estendem para o interior da Península Ibérica (regiões Espanholas) e para o norte de África

**PRINTALENTEJO**  
REGENERAÇÃO DE CONSUMÍVEIS INFORMÁTICOS, LDA.



**A pensar no Ambiente, a pensar no seu Negócio A PRINTALENTEJO tem:**

- MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO
- IMPRESSORAS PARA TODOS OS VOLUMES E TIPO DE TRABALHO
- CONSUMÍVEIS INFORMÁTICOS
- SOLUÇÕES INFORMÁTICAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

**As melhores marcas estão aqui.**

**OKI, HP, CANON, DEVELOP, SAMSUNG, LEXMARK, SAGE, MICROSOFT, ASUS, DELL, SONY, TOSHIBA**

(Marrocos, principalmente), dificultam de maneira bastante acentuada esse exercício de definição e delimitação. Tal exercício tende a apoiar-se num conjunto de ideias-força associadas ao conceito de Montado, que ganham relevância se pretendermos enquadrar esta paisagem dentro do conceito de *paisagem cultural evolutiva viva* e das quais se apresentam de seguida algumas delas.



O Montado é um sistema evolutivo em que o homem figura no centro do seu funcionamento e é o garante da sua perpetuidade. Resulta da capacidade e sabedoria do homem em retirar partido de uma relação entre coberto arbóreo e a pobreza orgânica das terras, através da compreensão do efeito de orla. Exprime, por sua vez, a “sabedoria de um povo”, capaz de, a partir de um solo paupérrimo, de condições endofoclimáticas extremas, de uma rápida mineralização da matéria orgânica dos solos por falta de humidade e de um trabalho mínimo, conceber um sistema agrossilvo-pastoril que, desde que bem gerido, se torna sustentável. O Montado é, deste modo, uma paisagem antropogeneizada, cuja sustentabilidade se

encontra dependente da intervenção humana, a qual é garante dos seus equilíbrios, desde que bem gerida, e favorece a biodiversidade.

O Montado é uma sobrevivência cultural já que é a expressão de uma intervenção humana continuada no território, que é simultaneamente frágil e de lenta renovação, a qual se mantém presente ao longo de muitos períodos históricos, com uma ances-

tralidade documentada e cuja resiliência se deve a ter mantido, até à atualidade, racionalidade económica e equilíbrio ambiental. Trata-se de uma paisagem arcaica, na medida em que a sua preservação depende dos equilíbrios encontrados entre o funcionamento no seu regime antigo e formas diversas de modernização. É possível identificar determinados aspetos específicos ao Montado, incluindo a forma particular como o coberto arbóreo permite a vida na terra (esquelética e sem água) através de uma sebe horizontal que assegura a sombra. E é também a luz excecional, que atravessa as copas de sobreiro ou de azinheira e que suporta a vida na terra, que confere ao Montado um dos atributos singulares desta paisagem. Por sua vez, a

enorme interdependência entre o sistema de exploração agrossilvo-pastoril com intervenção humana e as formas de presença do homem no território, estruturadas a partir dos “montes”, constitui igualmente uma particularidade desta paisagem.

O Montado, quer seja de sobreiro, quer seja de azinheira, possui diversos elementos de singularidade associados aos saberes-fazer tradicionais, respetivamente relacionados com o descorticeamento, com as características específicas do sobreiro e com a utilização humanizada da cortiça, ou relacionadas ao montanheiro e à cultura da espécie autóctone do porco alentejano. As idiossincrasias associadas aos territórios de Montado e às características culturais da sua população configuram-se hoje, no coletivo nacional, a partir da imagem e da representação que fazemos de Montado.

3. Concluindo, foram referidas, de uma forma ainda que muito sumária, algumas das ideias-força que supomos virão a suportar os principais fundamentos para uma justificação do estatuto de Património da Humanidade para a paisagem do Montado.

A perceção e partilha dessas ideias-força, não apenas no seio das diversas instâncias institucionais, políticas, económicas e sociais da região, mas também nacionais, mas forçosamente junto da população, constituem, simultaneamente, um desafio e uma condição do sucesso de uma importante conquista para identidade e a autoestima da região – a classificação do Montado como Património da Humanidade. ☉

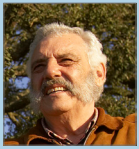
<sup>1</sup>A Convenção Sobre o Património Mundial é adotada em 1972 mas apenas entra em vigor em 1975 após a assinatura de 20 Estados.

<sup>2</sup>Texto redigido por grupo de peritos e incluído nas orientações pelo comité do património Mundial na sua 16ª sessão (Santa Fé, 1992).

<sup>3</sup>Uma das três categorias principais em que se dividem as paisagens culturais: paisagem “intencionalmente concebida e criada pelo homem”, “paisagem essencialmente evolutiva” e “paisagem cultural associativa”.

<sup>4</sup>Sob responsabilidade da Quaternaire Portugal – Consultoria para o Desenvolvimento, SA e por promoção do Turismo do Alentejo - Entidade Regional de Turismo, tendo esta instituição constituído em maio de 2011 e para o efeito uma Comissão Executiva e uma Comissão Científica da Candidatura do Montado a Património da Humanidade.

<sup>5</sup>Correspondendo a uma primeira fase do processo de candidatura.



# A NECESSIDADE DA FLORESTA AO SUL DO TEJO

João Posser de Andrade / Provedor da Confraria do Sobreiro e da Cortiça

Desde há muito em Portugal, personalidades de relevo, vêm reclamando e propondo medidas no sentido de proteger, desenvolver e promover a floresta em Portugal, conscientes da enorme mais valia que representam.

Cerca de 60% do nosso território tem boa aptidão para a produção florestal, basta lembrar, que a área de ocorrência potencial do sobreiro coincide com as fronteiras do País, nunca esquecendo as potencialidades das outras espécies de árvores autóctones com áreas de ocorrência potencial mais específicas, mas também de enorme potencial e importância. A tentativa de destruição, decapitação, e de “assassinato” público do sector primário, executado deliberadamente ou não, por “urbanos” com uma visão míope de curto prazo, e com um diletantismo profissional avassalador, tem-nos levado por caminhos tortuosos e demorados, na luta contra a desertificação humana, ambiental e económica de um terço do país, impedindo o desenvolvimento das potencialidades inerentes à floresta.

A necessidade da existência da floresta não necessita de demonstração, até porque a nossa agricultura sempre reconheceu as vantagens da associação agro-silvo-pastoril que caracteriza o sistema de exploração do montado, característico da agricultura do Mediterrâneo, assim como o próprio Estado desde os reis da 1ª. dinastia, até aos nossos dias.

Na parte económica basta lembrar o contributo para o PIB, o contributo para as exportações, o contributo para o emprego, o contributo para a fixação das famílias, no tal terço do país que se encontra em vias de desertificação.

Mas o efeito positivo da floresta mais espectacular e menos falado, porque a maior parte das pessoas está tão habituada a usufruir que não o tem em conta, é o ambiente. - A amenização dos picos de calor e frio; O combate contra a erosão; O sequestro do CO<sub>2</sub>; A regularização dos regimes hídricos; A purificação do ar; O combate à degradação do solo e melhoramento da fertilidade;

O melhoramento e manutenção do habitat das espécies animais selvagens.

Os diversos governos que nos têm regido nos últimos 40 anos, sabendo das vantagens que as florestas proporcionam, têm tentado legislar no sentido de a desenvolver e é impressionante a quantidade de leis e resoluções da Assembleia da República que estão publicadas, algumas muito positivas se fossem aplicadas, mas que infelizmente, não passam de mera retórica.

Tudo isto vem a propósito da entrevista ao Jornal Público do dia 07 de Novembro de 2012, do director do Instituto Europeu de Políticas Ambientais, onde afirma que Portugal deveria receber uma fatia maior do Orçamento da nova política agrícola comum (PAC) para investir na boa gestão do ambiente agrícola e dos muitos produtores que embandeiraram em arco, com a possibilidade de serem ressarcidos com as despesas de implantação e manutenção da sua floresta.

Infelizmente não partilho dessa euforia, lembrando que os 2,1 mil milhões de euros, resultantes do leilão das licenças de emissão de gases poluentes ou os 20 milhões anuais ou mais, do Fundo Florestal Permanente, têm servido para tudo menos para fomento da floresta particular, “mais de 90% da área florestal”, e enquanto não for estudada e aplicada uma compensação aos custos de implantação e manutenção da floresta, em muitos casos durante 30 anos, devidos, pelos efeitos positivos dos bens públicos fornecidos pelos produtores florestais ao País, não iremos a lado nenhum.

Sei que o tempo se encarregará de corrigir e resolver o problema e talvez a nova PAC, seja um instrumento privilegiado para o princípio da resolução, mas enquanto para os políticos a floresta não for compreendida como um recurso e for só um simples discurso, não passaremos de um simulacro de País florestal. ☹



## A FLORESTA NO SUL DE PORTUGAL: UMA RESERVA ESTRATÉGICA DE RECURSOS QUE URGE POTENCIAR.

Nuno de Almeida Ribeiro / Margarida de Almeida Vaz

ICAAM - Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora, Núcleo da Mitra

Segundo os dados do Inventário Florestal Nacional 5, os sistemas florestais ocupam em Portugal Continental cerca de 3 175 348 ha (34% do território). Nas regiões do Alentejo e Algarve a floresta ocupa cerca de 1 470 862 ha representando cerca 46 % da área florestal nacional (Alentejo: 42 %, Algarve: 4%) e 16 % da área do território nacional (Alentejo: 15 %, Algarve: 1%), o que releva o papel fundamental das formações florestais tanto a nível regional como nacional (<http://www.icnf.pt/portal/florestas/ifn/resource/ficheiros/ifn>).

A região plano NUTII Alentejo tem uma área florestal (ver Figura 1) que representa cerca de 42 % do total nacional sendo de destacar a importância dos montados de

porcos, ovelhas, cabras, etc.), os recursos florestais, que estão naturalmente integrados com os ecossistemas por se localizarem nas zonas marginais da actividade humana mais intensiva ligadas à actividade agrícola e pecuária, têm ainda um papel fundamental na protecção de bacias hidrográficas, retenção de carbono (ver Figura 1) e conservação da biodiversidade. Os sistemas florestais são também reserva estratégica de recursos e constituem um património que vale por existir.

Nas regiões do Alentejo e Algarve, os sistemas de produção agro-silvo-pastoris designados por montados de sobre e azinho, ocupam respectivamente 72% e 38% da área florestal de cada uma das regiões. A gestão sustentada



sobre e azinho que ocupam respectivamente 45 % (19 % da área florestal nacional) e 27% (12 % da área florestal nacional) da área florestal da região plano NUTII Alentejo sendo de destacar igualmente a área de eucaliptal com 16% (7 % da área florestal nacional) e o pinhal manso e bravo com 10% (5 % da área florestal nacional).

Na região plano NUTII Algarve, a área florestal (ver Figura 1) representa cerca de 4 % do total nacional sendo dominada por montados de sobre 27 %, pinhal manso 25%, eucaliptais 21 %, montados de azinho 11 % e pinhal bravo 5 %. Para além dos benefícios económicos locais, regionais e nacionais decorrentes da alimentação das fileiras de produtos florestais como cortiça, lenho (serração, rolaria, lenha, etc.), produtos agrícolas e proteína animal (vacas,

destes sistemas deve assentar na manutenção de um coberto contínuo que visa assegurar as funções de produção, conservação assim como as associadas à paisagem. Neste sentido, a densidade adequada de árvores está ligada às características edafoclimáticas mediterrânicas que combinam a secura estival com baixos índices pluviométricos e evapotranspiração potencial anuais e/ou variabilidade da precipitação elevadas. Assim, a disponibilidade hídrica do solo é função determinante do estado fisiológico das árvores (sobreiros e azinheiras) e da estrutura deste ecossistema, numa relação de influência recíproca. O sobreiro e a azinheira são espécies consideradas resilientes às condições de secura estival. A estrutura do montado apresenta, de uma forma geral, um estrato herbáceo, arbustivo e arbóreo, em

que a densidade das árvores é baixa. Num montado alentejano (região de Évora) o Índice de Área Foliar (LAI) para as árvores variou anualmente entre 0,7 e 2,3 (Pereira et al., 2007), enquanto o LAI nas florestas densas de *Quercus ilex* pode ter valores próximos de 4,0. Dada a baixa densidade das árvores no montado, estas podem, supostamente, suportar melhor as sequências de anos secos do que aquelas árvores pertencentes às florestas densas, dado que as primeiras poderão utilizar uma maior proporção das reservas de água do solo (Pereira et al., 2007).

A resiliência destas espécies de *Quercus esclerófilos* é ainda atribuída à sua elevada capacidade de recuperação do estado hídrico e da capacidade de absorver dióxido de carbono, após as chuvas do outono, atingindo valores semelhantes aos da primavera anterior. A utilização dos recursos hídricos do solo pelas árvores, a partir do final da primavera (quando diminuem as chuvas e aumenta a evapotranspiração potencial, final de Maio em diante), depende também da interação entre árvores, arbustos e herbáceas, através de mecanismos de competição ou facilitação. Contudo, o estrato herbáceo parece não mostrar forte competição pelos recursos hídricos com as árvores. Devido à separação espacial das raízes e segregação fenológica entre os dois estratos, a maioria das plantas herbáceas ficam senescentes e morrem no início da estação seca (Moreno et al., 2005), já os arbustos retiram água das ca-

madras um pouco mais profundas (20-30cm), então nesse período as árvores podem recorrer à absorção de água em camadas mais profundas (> 30 cm) (Pereira et al., 2007). Nas últimas décadas têm-se acentuado os sinais de subtação por perda de árvores não substituídas, o que indica que se está a evoluir no sentido da perda de uma parte da referida reserva estratégica de recursos regionais (árvores, carbono, matéria orgânica, solo, biodiversidade, etc.). Estudos recentes mostram que esta perda de árvores está muito mais ligada ao impacto dos sistemas de controlo de vegetação dos estratos herbáceo e arbustivo com mobilização do solo, que afectam principalmente solos com limitações de profundidade em declives acima dos 15 %, do que a modificações climáticas (Moreno et al., 2005, Pereira et al., 2007, Ribeiro e Surový, 2008, Schmidt et al., 2009, Vaz et al., 2010, 2011). Se adicionalmente se considerarem os aumentos de encabeçamentos observados nos últimos 30 anos facilmente se podem justificar baixas e muito baixas taxas de regeneração (natural e artificial) registadas nas últimas revisões do Inventário Florestal Nacional (<http://www.icnf.pt/portal/florestas/ifn/resource/ficheiros/ifn>). Para grande parte dos problemas quantificados, já existe suficiente conhecimento científico produzido em Portugal para a sua solução sendo necessária intensificar os trabalhos de transferência de tecnologia entre as Universidades e Institutos de Investigação e os gestores florestais (através

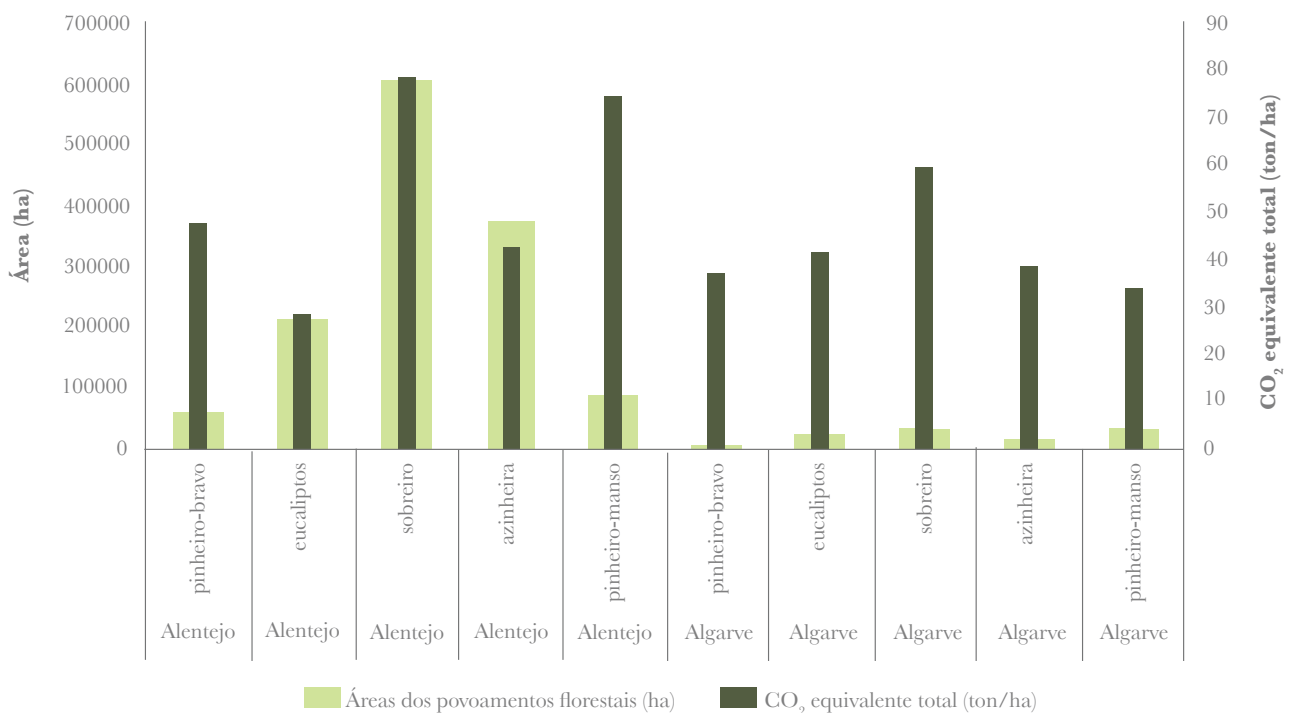


Figura 1- Área dos povoamentos florestais por espécie dominante e CO<sub>2</sub> equivalente total para as regiões NUTII do Alentejo e Algarve.

# P R O G R A M A XIII FEIRA MONTADO

→ **29 NOV**

QUINTA ←

- 15.00 **Reunião da Comissão da Candidatura do Montado a Património da Humanidade**  
Local: Junta de Freguesia de Portel
- 18.00 INAUGURAÇÃO OFICIAL DA FEIRA
- 20.00 Grupo de Cante Tradicional “OS ALMOCREVES”
- 21.00 **NOITE DE FADOS**  
**JOSÉ GONÇALEZ** - LANÇAMENTO DO CD  
**GONÇALO SALGUEIRO** - **PEDRO MOUTINHO**  
**FILIPA CARDOSO** - **PEDRO CALADO** - **ANTÓNIO VARELA**

→ **30 NOV**

DIA DA COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA

SEXTA ←

- 09.15 **SEMINÁRIO: A TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA NO SECTOR DAS CARNES DAS REGIÕES ALENTEJO E ANDALUZIA**  
Organização ADRAL/ A2 TRANSFER  
Local: Auditório Municipal de Portel
- 10.00 Abertura da Feira - **Visita das escolas**  
ESPECTÁCULO INFANTIL
- 10.30 **CORTA MATO ESCOLAR DO MONTADO**
- 10.30 **IX JORNADAS IBÉRICAS DO MONTADO**  
Local: Auditório da Feira
- 13.00 ANIMAÇÃO MUSICAL
- 14.00 **Visita das escolas** - ESPECTÁCULO INFANTIL
- 14.30 **IX JORNADAS IBÉRICAS DO MONTADO** (continuação)  
Local: Auditório da Feira
- 20.00 ANIMAÇÃO MUSICAL - GRUPOS DE ESPANHA
- 23.00 **ECLIPS (TRIBUTO A PINK FLOYD)**  
**BOSS AC**

**10 NOV a 2 DEZ - EXPOSIÇÃO DE PINTURA**, de Manuel Casa Branca  
Local: Capela de Stº. António

**FAZER ... COM CORTIÇA** - ARTESANATO AO VIVO  
Local: Recinto da Feira

**29 NOV a 2 DEZ - EXPOSIÇÃO A CORTIÇA EM NÓS**, de Margarida Góis  
Local: Auditório da Feira





**01 DEZ**

DIA DO FORAL DE PORTEL

SÁBADO 

- 08.00 **X MONTARIA AO JAVALI**
- 09.00 **Passeios por cá – “Cogumelos do Montado”\***  
Local de encontro: Entrada da feira - \*(inscrições limitadas)
- 10.00 Abertura da Feira
- 13.00 ANIMAÇÃO MUSICAL
- 14.00 **X CORTA MATO DO MONTADO / XIV Critério Paulo Guerra**
- 16.00 **X JORNADAS DA CABRA SERPENTINA/  
VI JORNADAS DO PORCO ALENTEJANO**  
Local: Auditório da Feira
- 16.30 **V CONCURSO REGIONAL DO RAFEIRO DO ALENTEJO**
- 21.00 **BANDA FILARMÓNICA MUNICIPAL DE PORTEL**
- 23.00 **SECRET LIE  
QUINTA DO BILL**



**02 DEZ**

DIA DA CONFRARIA DO SOBREIRO E DA CORTIÇA

DOMINGO 

- 09.00 **VII BTT DO MONTADO**  
Organização: Clube Portel Terras do Montado
- 10.00 Abertura da Feira
- 10.30 **ASSEMBLEIA-GERAL DA CONFRARIA DO SOBREIRO E DA CORTIÇA**  
Local: Auditório da Feira
- 13.00 ANIMAÇÃO MUSICAL
- 14.30 **CONFERÊNCIA: O USO SUSTENTÁVEL DO SOLO**  
Local: Auditório da Feira
- 21.00 **NOITE DE PORTEL**

**MOSTRA PECUÁRIA DE RAÇAS ALENTEJANAS  
VII CONCURSO NACIONAL DA CABRA SERPENTINA**  
Organização: C.M.P. e APCRS

**ESPAÇO CRIANÇA / FEIRA DO LIVRO  
CREMILDE – CENTRO DE RECURSOS MÓVEL – Informação; Lazer; Desporto e Educação**  
Organização: ADA

**MOSTRA GASTRONÓMICA “Sabores do Montado”**



das Associações de Produtores e dos Serviços Florestais) com a elaboração de normativos técnicos de Engenharia Florestal a partir da interpretação do conhecimento produzido. Neste contexto, é já possível: (1) a partir dos resultados do inventário da mortalidade estratificar o território por graus de sustentabilidade de coberto e criar um conjunto de soluções de engenharia florestal recuperação do coberto das áreas em declínio (Ribeiro e Surov, 2008); (2) tendo em conta os estudos da influência do grau de coberto no controlo do risco de erosão (com e sem mobilizao do solo), construir normativos técnicos de engenharia florestal que constituam de soluoes de gestão dependentes das classes de declive de aplicaoo imediata (Ribeiro et al., 2004); (3) a partir dos estudos de eco-fisiologia, de ecologia e de modelaoo da regeneraoo dos sobreiros e azinheiras delinear soluoes de engenharia florestal para um maior sucesso das novas geraoes de rvores (Vaz et al. 2010, 2011 e Ribeiro et al., 2012); (4) Através de estudos modelaoo de crescimento e de economia ambiental já possível, através de análise económica, proceder a estudos de simulaoo de aplicaoo de técnicas de gestão sustentável do solo (ex. comparaoo da substituioo das grades de discos por corta-matos no controlo do estrato arbustivo) e evidenciar a importância da valoraoo dos serviços do ecossistema,

nomeadamente do sequestro de carbono, para a sustentabilidade económica dos esquemas de gestão sustentável. (Ribeiro et al. 2006, 2010 e Pinheiro et al., 2008).

Tendo em conta a capacidade tecnológica e a massa crítica disponível no país, está na altura de apostar no processo de transferência tecnológica e através da Engenharia Florestal e da aoo integrada das fileiras florestais, aproximar as florestas ao seu potencial. Esta aposta  particularmente importante face a instrumentos de políticas públicas, maioritariamente a Política Agrícola Europeia que, sem considerar o equilíbrio dos montados, os têm vindo a afectar de forma determinante nos últimos anos pondo em causa a sua sustentabilidade. Uma ligaoo mais próxima entre a produoo do conhecimento e quem está no terreno pode ser a forma mais duradoura de aumentar a consciência sobre a importância de uma gestão sustentável a longo prazo. Esta  a nossa obrigaoo para que leguemos às geraoes futuras reservas florestais estratégicas que permitam, de forma sustentada, a vida com qualidade nas regioes do sul de Portugal. 



#### Bibliografia

- Moreno G., J.J. Obrador-Oln, E. Cubera, C. Dupraz (2005) Fine root distribution in dehesas of central-western Spain. *Plant Soil* 277:153–162
- Pereira J.S., J.A. Mateus, L.M. Aires, G. Pita, C. Pio, J.S. David, V. Andrade, J. Banza, T.S. David, T. A. Paço, A. Rodrigues (2007) Net ecosystem carbon exchange in three contrasting Mediterranean ecosystems – the effect of drought. *Biogeosciences*, 4: 791–802.
- Pinheiro, A.C., Ribeiro, N.A., Surov, P., Ferreira A.G. (2008). Economic implications of different cork oak forest management systems. *Int. J. Sustainable Society*, Vol. 1, No. 2: 149-159.
- Ribeiro, N.A., Surov, P. (2011). Growth modeling in complex forest systems: CORKFITS a tree spatial growth model for cork oak woodlands. *FORMATH* Vol.10: 263-278. ISBN 978-4-915870-40-8. ([http://www.formath.jp/publication/book/vol10/Vol10/Vol10\\_263-278Nuno.pdf](http://www.formath.jp/publication/book/vol10/Vol10/Vol10_263-278Nuno.pdf))
- Ribeiro, N.A., Surov, P., Oliveira A.C., (2006): Modeling Cork Oak production in Portugal. In: Hasenauer, H. (Ed.): Sustainable Forest Management. Growth Models for Europe. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 285-313.
- Ribeiro, N.A., Surov, P., Pinheiro, A. (2010). Adaptive management on

- sustainability of cork oak woodlands. In Basil Manos, Konstantinos Papparrizos, Nikolaos Matsatsinis and Jason Papanthanasios (eds.) *Decision Support Systems in Agriculture, Food and the Environment: Trends, Applications and Advances*. IGI Global. Pp. 437-449
- Ribeiro, N.A., Surov, P., Yoshimoto, A (2012). Optimal Regeneration Regime under Continuous Crown Cover Requirements in Cork Oak Woodlands. *FORMATH* Vol.11: 83-102. ISBN 978-4-915870-41-5. ([http://book.formath.jp/vol11/fulltext/Vol11\\_83-102.pdf](http://book.formath.jp/vol11/fulltext/Vol11_83-102.pdf))
- Schmidt, M., Schreiber, D., Correia, A., Ribeiro, N.A., Otieno, D., Tenhunen, J. and Pereira, J.S. (2009). Sap Flow in Cork Oak Trees at Two Contrasting Sites in Portugal. *Acta Horticulturae*, Volume 846, pp 345-352.
- Vaz, M., J.S. Pereira; L.C. Gazarini; T.S. David; J.S. David; A. Rodrigues; J. Maroco; M.M. Chaves (2010) Drought-induced photosynthetic inhibition and autumn recovery in two Mediterranean oak species (*Quercus ilex* and *Quercus suber*). *Tree Physiology*, 30: 946-956.
- Vaz, M., Maroco, J., Ribeiro, N., Gazarini, L.C., Pereira, J.S., Chaves, M.M. (2011) Leaf-level responses to light in two co-occurring *Quercus* (*Quercus ilex* and *Quercus suber*): leaf structure, chemical composition and photosynthesis. *Agroforest Syst* 82:173–181



## CARLOS VIEIRA

### PADARIA

FABRICO PRÓPRIO  
Pão e Bolos  
Rua da Vitória, 22 - Monte do Trigo  
Tlm.: 961 969 901  
padariacvieira@gmail.com

## "LEMBRA-TE DE MIM"

### ARTESANATO

#### MARIA JOSÉ OLIVEIRA

Rua da Liberdade, 20  
Telm.: 965 344 979  
lembratedemim2009@gmail.com



photografia de casamentos,  
baptizados, reportagens,  
foof photography. packshot  
sessões fotográficas,  
books, albuns, etc.

929 109 905 | 962 550 | mitostudio.blogspot.com



Rua de São Paulo nº 9 A  
7220-401 Portel  
Telm. 962 986 410

## MEL DA SERRA DE PORTEL

Produtor

#### José Manuel Fonte Santa Advinha

Parque Dr. França, 3 Portel  
Tel. 266 612 418 | Tlm. 967 334 233  
jose.advinha@gmail.com

## GIESTA'S

### BOUTIQUE

de Maria José Castilho

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 35  
Portel | Tel.: 266 612 846  
giestasboutique@hotmail.com

## ENCHIDOS REGIONAIS ALENTEJANOS

MONTE DO TRIGO  
Manuel Fortunato

Tel/Fax: 266 647 242  
Tlm.: 937 812 204

Rua de Évora, 5 7220 | Monte do Trigo  
manuelfortunato@gmail.co

## REFÚGIO DA VILA

### Hotel Rural



\*\*\*\*  
RESTAURANTE | BANQUETES | REUNIÕES  
AULAS DE COZINHA

LARGO DR. MIGUEL BOMBARDA, 8.  
7220-369 PORTEL  
Tel.: 266 619 010 | Fax: 266 619 011  
E-MAIL: info@refugiodavila.com  
WWW.REFUGIODAVILA.COM

## Cafetaria "O Espírito Santo"

Rua do Espírito Santo nº 44 - Portel  
[cafetariaespiritosanto@gmail.com](mailto:cafetariaespiritosanto@gmail.com)  
loja online: [www.pinga-a-pinga.com](http://www.pinga-a-pinga.com)  
Tel.: 924343933 / 266611447

Pastelaria, cafetaria, bar, loja de  
conveniência, pagamentos serviços,  
artesanato, e outros.

TODOS OS SERVIÇOS QUE  
PRECISA, NUM SÓ ESPAÇO.

## EXPLORAÇÃO APÍCOLA SERRA DE PORTEL

de Adelaide Almeida  
R. da Liberdade, 28 Portel  
Tel.: 266 086 113 | Tlm.: 963 656 7312



SNACK - BAR

## P-JAY

DEFRUTE DO AMBIENTE CALMO  
SABOREIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES:  
KEBABS E OUTROS PETISCOS

Rua Luís de Camões, 2A  
Aberto de Terça a Domingo, das 8 às 2 horas  
Tlf.: 266 611 380  
Portel



TELECOMUNICAÇÕES

## MEO SAPO ADSL TMN

A SUA LOJA TMN  
MAIS PERTO DE SI

Rua Combatentes da Grande Guerra, 43A  
7220-414 Portel  
Tel.: 266 612 146 / 966 916 693



## O MONTADO, UM SISTEMA DE ELEVADO VALOR NATURAL

**Teresa Pinto Correia**

ICAAM – Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora

O PROTA, Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo, classifica as áreas de Montado na região, com áreas prioritárias de protecção e valorização ambiental. A uma escala mais abrangente, numa perspectiva europeia, o Montado, como um dos grandes sistemas agro-silvo-pastoris no sul da Europa e em paralelo com a Dehesa em Espanha, é considerado como um sistema de elevado valor natural. Este

para além da produção. Na cartografia produzida pela Agência Europeia do Ambiente, as grandes manchas de sistemas HNV que se encontram na Península Ibérica correspondem ao Montado e à Dehesa. Em Portugal Continental, outros sistemas agrícolas incluídos nesta classificação são por exemplo os sistemas policulturais complexos do Noroeste, e os sistemas de lameiros e baldios, das zonas de montanha no Norte de Portugal.

a finalidade de contribuir para a integração dos valores de conservação da natureza e qualidade ambiental, na agricultura e floresta, e do reconhecimento desta relação positiva, no desenho de medidas e instrumentos de política, que possam apoiar estes sistemas. Parte do pressuposto de que, na Europa, os valores de conservação e a qualidade ambiental estão ligadas ou mesmo dependentes do uso agrícola, e que a gestão agrícola e florestal de



conceito corresponde a “High Nature Value (HNV) farming systems”, de acordo com a classificação proposta pela Agência Europeia do Ambiente, para sistemas agrícolas e silvo-pastoris que pela sua natureza extensiva ou pela sua diversidade, desempenham um papel fundamental na conservação da natureza. A classificação HNV é aplicável a sistemas de uso do solo em toda a Europa, e procura basear-se na definição e aplicação de critérios objectivos relativos ao funcionamento do sistema e aos bens e serviços que lhe estão associados,

O conceito de sistema de elevado valor natural tem vindo a ser desenvolvido e explorado nos últimos vinte anos na Europa, por investigadores e decisores públicos, tanto ao nível nacional como europeu. O conceito foi proposto pelo “European Forum for Nature Conservation and Pastoralism”, nos anos 90, e desde aí tem vindo a consolidar-se como um conceito chave na compreensão e defesa das relações positivas entre agricultura e floresta, por um lado, e conservação da biodiversidade e da paisagem, por outro. Este desenvolvimento tem tido

baixa intensidade promove a diversidade biológica e da paisagem, e deve ser reconhecida por isso. E isto especialmente por serem estes usos agrícolas e florestais de baixa intensidade aqueles que em geral são menos competitivos, e por isso mais ameaçados. Os sistemas de elevado valor natural podem ser definidos como aqueles onde o uso agrícola e florestal, ou ainda silvo-pastoris, suportam ou estão associados a uma elevada diversidade de paisagem, habitats e de espécies, ou ainda em particular com espécies com elevado interesse de conservação.

Esta classificação está normalmente associada a:

**a**. Sistemas agrícolas ou silvo-pastoris de baixa intensidade, uma vez que a biodiversidade é normalmente mais elevada em áreas geridas com baixa intensidade de uso, ou seja, menor grau de artificialização do ecossistema natural;

**b**. Presença de vegetação semi-natural, uma vez que o valor de biodiversidade da vegetação semi-natural, tal como pastagens e prados, é significativamente mais elevada do que em terras agrícolas com um uso intensivo; para além disso, a presença de elementos de vegetação semi-natural como árvores e arbustos, matos, áreas não cultivadas, áreas húmidas, rochas, sebes, galerias ripícolas, entre outros, têm muita importância como nichos e habitats onde as espécies selvagens podem co-existir com a actividade agrícola;

**c**. Diversidade de ocupação do solo, uma vez que a biodiversidade está significativamente relacionada com a existência de um mosaico de manchas de ocupação do solo, incluindo parcelas de uso agrícola com diferentes culturas, pastagem, pomares, floresta e mato; este mosaico cria uma diversidade de habitats e fontes de alimentação para espécies diversas e suporta um sistema ecológico mais complexo do que em áreas de paisagem mais simplificada, resultante de sistemas agrícolas intensivos e especializados.

De acordo com estas características chave, três grandes tipos de sistemas de elevado valor natural têm sido considerados, na Europa: Tipo 1) áreas agrícolas e silvo-pastoris com uma elevada proporção de vegetação semi-natural; Tipo 2) áreas agrícolas com uma mosaico de usos agrícolas de baixa intensidade e presença de elementos naturais e semi-naturais; Tipo 3) áreas que suportam espécies raras.

Assim, o Montado está integrado no que se considera ser o Tipo 1), ou seja áreas com um uso silvo-pastoril e que, pela baixa intensidade de uso, incluem grandes manchas de vegetação atural ou semi-natural, sendo por isso habitats importantes para uma diversidade de espécies, quer à escala da parcela, quer à escala de um conjunto de parcelas, ou seja, da paisagem.

Qual o interesse desta classificação? Não tem nenhum valor normativo nem de imposição de uma forma de gestão específica. Pelo contrário, é um reconhecimento de que estes sistemas de uso do solo, como o Montado, que são sistemas produtivos e geridos como tal, asseguram ao mesmo tempo valores muito importantes de conservação da natureza, e ainda de preservação de um carácter específico da paisagem. Estes valores são externalidades do sistema produtivo, ou seja, não são o objectivo principal da gestão, mas resultam da mesma. A classificação como sistema de elevado valor natural pode assim funcionar como uma certificação, embora não tenha esse carácter oficial. Ou seja, o que se pretende é chamar a atenção para que estes sistemas, devem ser valorizados também por essas externalidades, e as mesmas consideradas pelas políticas públicas dirigidas a estas áreas.

Por outro lado, pode servir para diferenciar os Montados cuja gestão tende a assegurar a sustentabilidade do sistema. Tendencialmente, numa gestão que procure evitar a erosão ou a compactação do solo, que considere a preservação ou melhoria do seu fundo de fertilidade, que procure assegurar a sanidade das árvores e o renovo do coberto arbóreo, as condições para a biodiversidade vegetal e animal são também positivas. Ou seja, a classificação como sistema de elevado valor natural pode ser também indicadora da sustentabili-

dade a longo termo do Montado. E, embora o Montado em geral tenha um conjunto de características que levam a que seja considerado um sistema de elevado valor natural, nem todos os Montados o são nas condições actuais. A gestão praticada ao longo do tempo é determinante para o valor de conservação que este sistema pode assegurar. E também não se poderá nunca exigir um modelo de gestão único, uma vez que o território da região Alentejo é múltiplo e complexo, com condições de solo, declive, topografia e clima diversas, e que portanto as diferentes áreas de Montado exigem diferentes práticas de gestão para que seja garantida a sua sustentabilidade. Assim, ao avaliar se um Montado tem condições para ser classificado como de elevado valor natural, está-se indirectamente também a reconhecer a sustentabilidade da sua gestão.

Assim, a classificação de elevado valor natural pode contribuir de uma forma inovadora para que: 1) seja reconhecido o papel do Montado no fornecimento de bens e serviços públicos que a sociedade procura hoje em dia no espaço rural; 2) sejam mais claramente definidos os objectivos e critérios para o desenho das políticas públicas e aplicação dos respectivos instrumentos; e ainda, 3) constitui obrigatoriamente uma forma de integrar o conhecimento que já existe sobre o Montado, nas suas múltiplas variedades e na caracterização das suas várias dimensões - esta integração é necessária para a correcta classificação do sistema no seu conjunto, e para que possam ser identificados os indicadores e modelos de análise adequados. ☉



## ¿POR QUÉ NECESITAMOS DEHESAS AL SUR DEL TAJO?

Rámon Santiago / IPROCOR



**E**n el suroeste de la Península Ibérica llevamos más de 5.000 años conviviendo con las dehesas; hay estudios<sup>1</sup> que confirman que la intervención humana en los bosques mediterráneos originales de encinas y alcornoques conformaron un paisaje similar a lo que hoy denominamos dehesa.

En aquel tiempo el hombre aprovechó la leña de encinas y alcornoques para calentarse y cocinar, la bellota como alimento: se han encontrado hornos y molinos de bellota en bastantes yacimientos del suroeste, y también hay restos que confirman que convivió con grandes herbívoros que previamente había domesticado, y que sustentaba con los pastos de aquellas dehesas. Indudablemente cazó, como ha venido haciéndolo desde hace más de un millón de años, incluso hay indicios de que empezó a practicar una agricultura cerealística de secano. Empezaba a configurarse la trilogía que también hoy constituye el fundamento de la Dehesa: pasto, labor y monte, que hemos dado en llamar aprovechamiento agro-silvo-pastoral.

En nuestras dehesas confluyen por lo tanto pasado, presente y futuro: desde actividades ancestrales como la caza, a productos que apuntan a un futuro casi de ciencia ficción, como es el caso del corcho, imprescindible hasta ahora en todos los viajes espaciales que se han hecho.

Sin embargo no hay que perder de vista que el Árbol es la pieza fundamental del sistema, sin él no hay Dehesa. Por lo tanto tenemos que actuar en consecuencia, y aplicar los 3 principios básicos que garantizan la sostenibilidad de la gestión forestal:

**1** .Persistencia de la masa: Tenemos que garantizar que encinas y alcornoques van a seguir estando presentes en nuestras dehesas, y para ello tenemos que realizar dos tareas fundamentales: regenerar y defender (no

en vano el vocablo “dehesa”, viene del latín “*defensa*” que en el castellano actual equivaldría a defendida, acotada).

**a** .La regeneración tiene muchísimas soluciones técnicas, pero a la hora de elegir entre siembra o plantación, hay que tener en cuenta que la primera es mucho más barata. También hay que tener en cuenta que si los trabajos de regeneración se realizan en un año climatológicamente bueno, los resultados y el coste van a ser óptimos; sin embargo en nuestro entorno, estos años escasean, y muchas veces transcurren hasta cinco años malos antes de que venga uno bueno. Tenemos un clima especialmente duro con la vegetación, con inviernos fríos, precipitaciones irregulares, y periodo de sequía de varios meses que coincide con la época más caliente del año, no obstante, tenemos la suerte de tener unas especies arbóreas muy bien adaptadas a este clima: encina y alcornoque, pero también muchas otras: acebuche, pino piñonero, algarrobo, charneca... sin embargo la regeneración de estas especies en los años malos es poco efectiva. Por otro lado hay que aprovechar todas las ayudas públicas que vengan, y realizar los trabajos de regeneración, donde las infraestructuras, que suelen ser la parte más cara (cerramientos, jaulones, puntos de agua, caminos,...), podrán luego ser aprovechadas en los años buenos.

**b** .La defensa contra enfermedades, plagas e incendios, también es una pieza fundamental para garantizar la persistencia de las especies arbóreas. Desgraciadamente la seca ocasionada por fitófтора es un problema grave en nuestras dehesas; de momento no tiene cura, pero conocemos ya una serie de buenas prácticas para prevenirla, y para convivir con ella<sup>2</sup>. También son preocupantes algunas plagas como las de cerambícidos, donde podemos vislumbrar soluciones, pero es sobre todo

<sup>1</sup>López Sáez, J.A. & al. (2007). “Origen prehistórico de la dehesa en Extremadura: Una perspectiva paleoambiental”. Revista de Estudios Extremeños, 63 (1): 493-509. Badajoz.

<sup>2</sup>Varios autores (2012). “Seca ocasionada por Fitófтора. Recomendaciones de actuación”. Mesa de Protección de la Dehesa. Gobierno de Extremadura.

<sup>3</sup>Varios autores (2012). “Principales plagas y enfermedades de la Dehesa”. Mesa de Protección de la Dehesa. Gobierno de Extremadura.

<sup>4</sup>Varios autores (2005). “Código Internacional de Prácticas Suberícolas”. Proyecto Interreg IIIA SUBERNOVA. DGRF e IPROCOR. Évora y Mérida.


<sup>5</sup>Font Tullot, I. (2000). “Climatología de España y Portugal”. Ediciones Universidad de Salamanca.

la prevención quien puede minimizar los daños<sup>3</sup>. Los incendios forestales son otro azote de las dehesas, que la gestión tradicional ha sabido minimizar, no obstante no se puede bajar la guardia.

**2** .Renta constante: Tenemos que aprovechar nuestros recursos (pasto, labor y monte), aplicando buenas prácticas de gestión, a un ritmo tal que en ningún caso agotemos el recurso, y que tampoco dejemos de aprovechar una parte de él, y además, en la medida de lo posible realizándolo de la forma más regular posible a lo largo del tiempo. Sirva de ejemplo el Código Internacional de Prácticas Suberícolas, que en el caso del aprovechamiento del corcho, nos indica el camino para conseguir la máxima producción en cantidad y calidad.

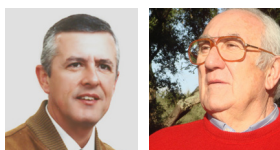
**3** .Multifuncionalidad: La Dehesa tiene la capacidad de producir numerosos bienes y servicios, y nuestra

gestión tiene que ir dirigida a aprovechar todos y cada uno de ellos: pastos, agricultura de secano, leña y carbón vegetal, corcho, caza, setas, acuicultura, plantas aromáticas, medicinales y culinarias, turismo rural,... todos ellos exigen una dedicación constante, una profesionalización del gestor, y no dejar escapar ni un solo recurso, pues la rentabilidad de la dehesa es muy baja, y solo con una gestión intensiva se conseguirá la necesaria rentabilidad económica que es básica para la sostenibilidad. Hoy día gracias a internet contamos con una ingente cantidad de información que nos puede permitir gestionar mucho mejor nuestras dehesas. Podemos tener información de los precios de todos los bienes y servicios que producimos, e incluso la posibilidad de comercializarlos a través de este medio. Podemos tener información de como es nuestra dehesa, su fauna, su flora, su suelo, su clima, y en función de todo ello planificar su explotación. Se puede planificar todo ello y tenerlo en la cabeza (sin duda hay mentes privilegiadas entre nuestros gestores), pero si lo plasmamos en papel... (verba volant, scripta manent). Debemos realizar el esfuerzo de prever cuales van a ser nuestros ingresos y nuestros gastos en los próximos 5-10 años; van a

ser estimaciones, pero más vale una mala cuantificación que una buena cualificación. Con estas estimaciones, que estarán dentro de unas horquillas probables, podremos comprobar si nuestra gestión se encamina hacia la ruina o hacia el éxito, y enmendar sobre la marcha las acciones que resulten antieconómicas. Muchas veces resulta muy útil reducir al absurdo los problemas que se nos plantean, para poder analizar con precisión cuál es la solución óptima a este problema. Por ejemplo, nos podemos plantear introducir ganado vacuno en nuestra explotación, y tenemos que averiguar cuál sería la carga óptima. Reducir este problema al absurdo sería plantear la situación de introducir 1 cabeza por hectárea. ¿Cuántos recursos alimenticios excedentarios tengo en mi explotación (procedentes quizá de cultivos cerealísticos de secano), con los cuales suplementar al ganado durante la inexorable época de sequía? ¿Cuánto pienso tendré que comprar durante una sequía de 5 meses? ¿Qué pasaría si en lugar de 1 cabeza por hectárea tengo 0,10? ¿Puedo modelizar esta cuestión en una hoja de cálculo, particularizada para mi finca, y llegar a conocer cuál sería la carga óptima de mi dehesa? Todas estas cuestiones y más nos pueden ayudar a mejorar nuestra gestión, y plasmarlas en un Plan de Gestión, no tiene por qué ser excesivamente complicado. La sostenibilidad de las dehesas no es por lo tanto ni una novedad, ni una falacia que nos hayamos inventado recientemente, y con los lógicos ciclos evolutivos de la vegetación, en función de la presión humana, de la actividad de la fauna silvestre, de la interacción con otras especies vegetales, y de cambios climáticos (que los ha habido y bastante importantes incluso hace relativamente poco tiempo<sup>5</sup>), las dehesas continúan en el suroeste ibérico, aportando al entorno estabilidad (frente al cambio climático y a otros cambios inducidos directamente por el hombre), un nicho ecológico a numerosas especies animales y vegetales, una fuente de bienes y servicios para el hombre. Por todo ello son necesarias al sur del Tajo, y también al norte... 



gestión tiene que ir dirigida a aprovechar todos y cada uno de ellos: pastos, agricultura de secano, leña y carbón vegetal, corcho, caza, setas, acuicultura, plantas aromáticas, medicinales y culinarias, turismo rural,... todos ellos exigen una dedicación constante, una profesionalización del gestor, y no dejar escapar ni un solo recurso, pues la rentabilidad de la dehesa es muy baja, y solo con una gestión intensiva se conseguirá la necesaria rentabilidad económica que es básica para la sostenibilidad. Hoy día gracias a internet contamos con una ingente cantidad de información que nos puede permitir gestionar mucho mejor nuestras dehesas. Podemos tener información de los precios de todos los bienes y servicios que producimos, e incluso la posibilidad de comercializarlos a través de este medio. Podemos tener información de como es nuestra dehesa, su fauna, su flora, su suelo, su clima, y en función de todo ello planificar su explotación. Se puede planificar todo ello y tenerlo en la cabeza (sin duda hay mentes privilegiadas entre nuestros gestores), pero si lo plasmamos en papel... (verba volant, scripta manent). Debemos realizar el esfuerzo de prever cuales van a ser nuestros ingresos y nuestros gastos en los próximos 5-10 años; van a



## A IMPORTÂNCIA DA FLORESTA NO SECTOR PRIMÁRIO EM PORTUGAL

José Mira Potes / Francisco Lopes / Confraria do Sobreiro e da Cortiça

Ao analisarmos os estudos sobre desenvolvimento de qualquer país, região ou mesmo continente, é comum encontrarmos uma correlação positiva entre o seu grau de desenvolvimento e o sector florestal que lhe está associado. Nomeadamente em Portugal, onde cerca de dois terços da superfície continental apresenta solos das classes de uso D e E, portanto solos de uso não agrícola, constata-se a vocação florestal da maior parte do território. Com a globalização dos mercados e o aumento crescente dos factores de produção agrícola, esta área tem vindo a aumentar, já que muitos dos solos incluídos na classe C, não apresentam capacidade produtiva suficiente para sustentar economicamente a actividade agrícola.

Analisemos então a produção florestal portuguesa para nos questionarmos porque razão somos tão atrasados em desenvolvimento económico e social relativamente a países nórdicos onde a riqueza assenta muito no sector florestal. Começemos por analisar o ambiente mediterrânico. O clima que envolve toda a orla do mar Mediterrâneo, que lhe deu o nome, é o único dos climas da terra em que não chove no Verão. Ensinou-nos ainda o Prof. Mariano Feio, que além desta particularidade absolutamente distintiva, se caracteriza também pela grande irregularidade intra e inter-anual (distribuição irregular da precipitação pelas diversas estações do ano e também de uns anos para os outros). Quanto aos solos, de que já vimos pela carta de capacidade de uso a prevalência da vocação não agrícola e considerando os sistemas de agricultura praticados, não é de estranhar que a capacidade produtiva dos mesmos esteja enormemente depauperada, essencialmente devido à queima contínua da pouca Matéria Orgânica do solo, provocada pelas mobilizações contínuas e à perda acentuada das partículas mais leves e ricas devido aos processos erosivos, frequentes após precipitações copiosas, sobre solos desprotegidos. Acrescente-se ainda que sendo esta região do globo o berço de importantes e antigas civilizações, não obstante representar somente 2% da área emersa do globo terrestre, será porventura, onde há mais tempo se pratica e desenvolve agricultura. No Portugal Atlântico caracterizado pelo Prof. Orlando Ribeiro, verifica-se uma forte influência das massas de ar carregadas de humidade provenientes das correntes ascendentes do oceano Atlântico, que descarregam uma precipitação importante numa extensa faixa litoral, até encontrar os maciços montanhosos que separam este Portugal húmido do interior mediterrânico. Porém, nesta região costeira os solos são geralmente irregulares do ponto de vista orográfico e estrutural, sendo os vales dos rios Mondego e Vouga os únicos com área suficiente para desenvolver sistemas de agricultura mais produtivos.

Perante esta caracterização, os nossos Mestres ensinaram-nos e os agricultores sabem por experiência própria, que um terço do território se encontra em regiões semiáridas,

**CONSDEP**  
ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO, S.A.

www.consdep.pt  
Email: geral@consdep.pt

*"conosco pode construir..."*

RIGOR - CONFIANÇA - INOVAÇÃO



de baixa produtividade e, portanto, onde só é possível praticar sistemas extensivos de produção. Este “palavrão” extensivo, quer dizer que não podemos aplicar nos sistemas de produção praticados doses elevadas em factores de produção, com excepção do factor terra, visto que esse é o mais barato, sob pena de não obtermos a remuneração do capital investido, considerando a agricultura como uma actividade económica. Contudo, será bom lembrar que desde a época da ocupação romana, os pilares da alimentação mediterrânica são o pão, o vinho, o azeite e a carne, sobretudo de porco. Por outro lado, a ocupação árabe deixou-nos em matéria agrícola a cultura da água, que garantiu a proliferação das hortas e dos vegetais frescos, juntamente com os citrinos e uma troca da pecuária doméstica, até essa época muito baseada nos suínos, pelos pequenos ruminantes (carne, leite e lã). Não é de admirar pois, que a partir de uma agricultura tão rica e diversificada, venha a surgir, alguns séculos mais tarde, a dieta mediterrânica como património da humanidade.

Somos então induzidos à constatação que a riqueza da agricultura mediterrânica assenta em dois pressupostos: **extensificação e diversificação**. A primeira para enfrentar a baixa capacidade produtiva e a segunda para reduzir o risco, perante a elevada irregularidade ambiental. As diferenças relativamente aos outros tipos de agricultura do Portugal Atlântico e da Europa ou do Mundo, que se caracterizam por apresentarem sistemas de produção **intensivos e especializados**, não foi impeditivo de alcançarmos um reconhecimento de pacote alimentar mais equilibrado no mundo mediterrânico. Isto é, distinguimo-nos pela diferença qualitativa e/ou diversificada, mas não

pelas quantidades obtidas ou massificadas, conjugadas com a especialização e eficiência produtiva.

No domínio florestal estas diferenças estruturais traduzem-se na prática no uso de espécies florestais exploradas para produção de lenho nas zonas de climas húmidos, sendo no caso Português a dominância atribuída às coníferas, parti-



cularmente das essências de *Pinus pinaster* Ait. Nas regiões semiáridas a selecção natural conduziu à predominância de fagáceas que evoluíram na resistência ao stress através de cascas isoladoras e protectoras do lenho, características foliares redutoras da evapotranspiração para os longos períodos de estio e produção de frutos em quantidade e qualidade. Verificamos assim que nestas regiões predominam as quercíneas, exploradas sobretudo para a produção de cortiça (*Quercus suber* L.) e de fruto (*Quercus rotundifolia* Lam), não esquecendo o contributo da componente foliar em determinadas épocas para a alimentação animal.

À semelhança do sector agrícola constatamos também no sector florestal que no Portugal Atlântico dominam os



**LadoRenovado**  
Construções, Lda.

OBRAS PÚBLICAS  
E PRIVADAS  
REMODELAÇÕES  
RECONSTRUÇÕES  
TRABALHOS DIVERSOS  
ORÇAMENTOS GRÁTIS

Tel.: 239 842 163  
Fax: 239 842 163  
geral@ladorenovado.pt  
www.ladorenovado.pt

sistemas mais intensivos e especializados na produção de madeira e pasta de papel, onde sem dúvida apresentamos potencial produtivo e competitivo, mas com menor potencial produtivo que noutras regiões da Europa e do Mundo. Além disso, debate-se com enormes dificuldades de controlar a componente arbustiva subjacente ao estrato arbóreo e grande responsável para proliferação e flagelo dos incêndios florestais.

Já no Portugal Mediterrânico a floresta tende a transformar-se num sistema agro-silvo-pastoril (**Montado**), multifuncional e que integra diversos sistemas de produção animal e vegetal. Desta forma, conjuga a actividade agrícola, silvícola e pecuária, baseando-se na utilização extensiva dos diversos recursos naturais, que sabiamente têm sido explorados e mantidos de forma equilibrada ao longo dos tempos através, da coexistência no mesmo espaço dessa multifuncionalidade, revelando-se, actualmente, como um exemplo de sustentabilidade técnica, económica e ambiental. Quando a densidade de árvores por hectare é grande e não permite a exploração multifuncional, trata-se de um sobreiral, e, então neste caso, entramos no domínio da exploração florestal.

A racionalidade na gestão do Montado assenta no controlo da flora arbustiva, para que se possa potenciar a componente herbácea, que representa a base do esquema alimentar da pecuária extensiva, ao mesmo tempo que diminui acentuadamente o risco dos incêndios estivais. Quando por qualquer motivo uma das componentes vegetais é abandonada ou ultrapassada, o sistema entra rapidamente em desequilíbrio. Como exemplos mais visíveis desta rotura ou abandono rural, registam-se os incêndios florestais, a mineralização dos solos e a consequente perda de vigor do arvoredo, que, nestas circunstâncias, é facilmente atacado por fungos patogénicos, que lhe provocam doenças e, frequentemente, conduzem à morte.

Por outro lado, o melhoramento das pastagens resulta na melhoria das características e potencial produtivo do solo,

evoluindo dinamicamente no sentido positivo do aumento de produtividade global do ecossistema. Contudo, a preservação da biodiversidade vegetal e animal, necessárias à resistência natural contra as irregularidades climáticas, confere-lhe um papel de relevância ambiental, que não pode ser comprometido por excessos de carga animal (encabeçamentos), facilmente compreensíveis numa lógica de apoios à produção, isto é, prémios à cabeça normal, que incentivam a intensificação dos sistemas produtivos e, consequentemente, perdendo-se o carácter extensivo, compromete-se o equilíbrio do ecossistema.

Presentemente, a desilusão dos empresários agrícolas do Portugal Mediterrânico é grande, porque não conseguem viabilizar economicamente as respectivas explorações e a inconformidade ainda é maior, quando todas as normas e regulamentos a que estão sujeitos e que muitas vezes são completamente desajustadas da realidade em que estão inseridos, regra geral são imputados a “Bruxelas”. Isto é, os compromissos assumidos perante a Comissão Europeia decorrentes da PAC, são sempre os responsáveis pela odiosa aplicação das regras, que porventura serão aplicáveis em determinadas regiões da vasta região europeia, mas ao incidir nas regiões do sul, semiárido e extensivo, causam desajustamentos dificilmente compreensíveis.

Como se a União Europeia fosse a responsável pelo desconhecimento da realidade da agricultura portuguesa e, também, pela aceitação por Portugal das normas e regulamentos da PAC, certamente ajustadas para realidades que não a nossa!

A verdade incontornável do papel da floresta no desenvolvimento geral das regiões aplicada ao caso português, carece da chamada de atenção que os sistemas florestais mediterrânicos evoluíram no sentido da multifuncionalidade e diversificação, extensificação e baixa produtividade, que passaram a ser sujeitos a regulamentação agrícola, desajustada da visão integrada de sistema que lhes é indispensável. Por outro lado, nos sistemas florestais “atlânticos” a produtividade é inferior a regiões de características edafo-climáticas aproximadas e debate-se com problemas de ordenamento que inviabilizam o desenvolvimento.

Com uma floresta desordenada e sistemas agro-silvo-pastoris extensivos e de baixa produtividade Portugal nunca poderá alcançar elevados níveis de desenvolvimento sustentados por um sector primário forte. No entanto, se a racionalidade ultrapassar a produtividade dos sistemas produtivos, isto é, se a preservação da natureza e dos recursos naturais determinar a importância do sector primário, talvez possamos apresentar-nos em alguns casos como modelos de sustentabilidade. ☺

O ELEMENTO QUE FALTAVA PARA O SEU EQUILÍBRIO

QUINTA  
ESSÊNCIA



AR ♦ TERRA ♦ FOGO ♦ ÁGUA ♦ ÓLEOS ESSENCIAIS  
Plantas aromáticas e medicinais autóctones - Óleos Essenciais

# PORTEL

um concelho com história...





## PROJETO RED DE INVESTIGACIÓN TRANSFRONTEIRIZA DE EXTREMADURA, CENTRO Y ALENTEJO (RITECA II)/AÇÃO 3. RECURSOS NATURAIS-TAREFA 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS ZONAS DE RISCO PARA AS PRAGAS DESFOLHADORAS E INCÊNDIOS FLORESTAIS

Margarida Pereira / Nuno Santos Beja & Paula Nozes / Instituto Politécnico de Beja/Escola Superior Agrária

O Projeto RITECA II surge como uma evolução natural do Projeto Red de Investigación Transfronteriza de Extremadura, Centro y Alentejo, aprovado na 1ª convocatória de projetos do programa Operativo de Cooperação Transfronteriza Espanha-Portugal 2007-2013 (POCTEP). Este projeto, cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) visou a criação de uma rede de colaboração entre as instituições da Extremadura e as regiões Centro e Alentejo de Portugal, no âmbito da investigação, desenvolvimento tecnológico e inovação, em matéria de I+D+i. Com o Projeto RITECA II pretende-se ampliar a Rede existente na área da cooperação, dinamizar a comunicação entre investigadores e técnicos e o uso de ferramentas TIC, promover encontros transfronteiriços, focados em temas de interesse comum, criar um catálogo de formação e estimular o desenvolvimento de projetos comuns de inovação e de aplicação em áreas temáticas estratégicas para os dois países, como é a conservação de recursos biológicos, na qual se integram os estudos sobre o montado de sobro e azinho.

Os montados em Portugal estão sob uma ameaça grave e o seu estado é preocupante, devido à perda de vigor e morte de árvores. Situações como a diminuição da produção e



Figura 1 – Evidências do estado sanitário das árvores

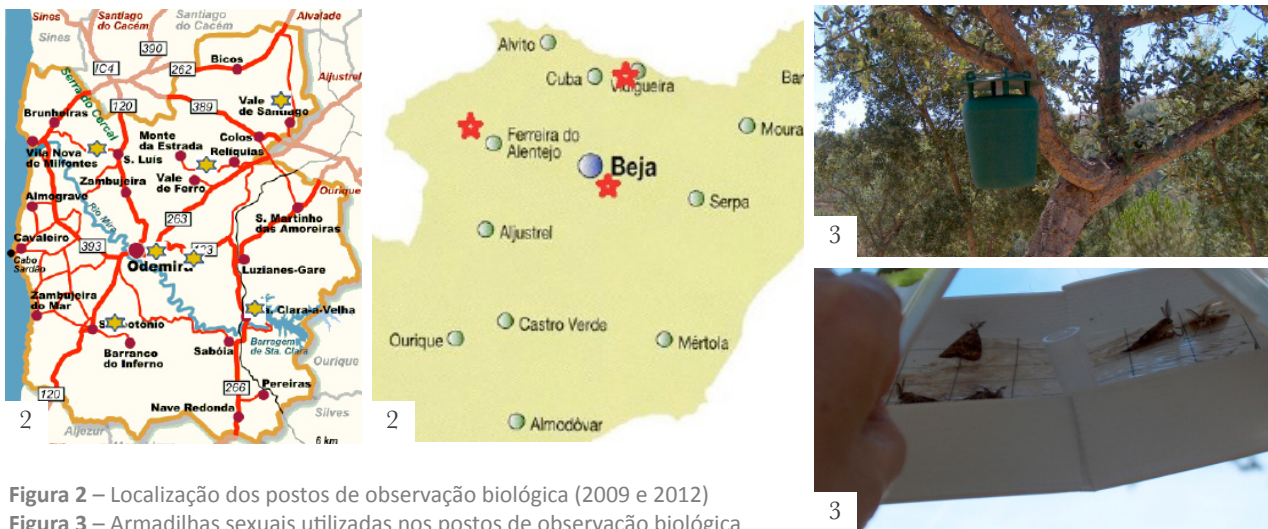


Figura 2 – Localização dos postos de observação biológica (2009 e 2012)

Figura 3 – Armadilhas sexuais utilizadas nos postos de observação biológica

do valor ambiental, por doenças e pragas (Figura 1), aumento dos riscos de incêndios florestais (em muitos casos devido ao abandono dos campos ou a diferentes formas de gestão), em simultâneo com as alterações climáticas e com o despovoamento do espaço rural, podem afetar a integridade e a multifuncionalidade do ecossistema montado. Neste sentido, este projeto tem como objetivo estudar e compreender algumas das ameaças (pragas e incêndios), para permitir a definição de medidas integradas visando a prevenção e controlo, proporcionando assim uma ferramenta para a proteção e melhoria da multifuncionalidade dos ecossistemas “montado”, pelo que se encontra integrado numa das temáticas mais relevantes do diagnóstico apresentado no “Programa Operativo de Cooperación Transfronteriza España-Portugal 2007-2013”: a proteção e gestão do ambiente.

São os resultados preliminares destes estudos, desenvolvidos por investigadores do Instituto Politécnico de Beja que agora se apresentam.

### Monitorização das principais pragas desfolhadoras em povoamentos de *Quercus suber* (sobreiro), no distrito de Beja.

Com o objetivo de conhecer a dinâmica populacional das principais pragas desfolhadoras do sobreiro na região em estudo, procedeu-se à selecção de povoamentos extremos, 7 distribuídos pelo concelho de Odemira (2009 a 2010) (Figura 2 e 3) no concelho de Beja (2011 e 2012). Nestes povoamentos foram instalados postos de observação biológicos (POB's), constituídos por armadilhas sexuais (tipo Delta trap e tipo funil) (Figura 3) destinadas a monitorizar adultos de *Limantria dispar* (Limântria), *Tortrix viridiana* (Burgo) e *Archips xylosteana* (Archip). A contagem semanal das capturas permitiu elaborar as curvas

de voo destas pragas e obter dados significativos sobre a dinâmica populacional local das espécies em estudo.

Registou-se, em todos os povoamentos do estudo, a presença dos vários desfolhadores, embora com capturas irregulares e heterógenas. Este fato origina um processo de desfolha contínuo das árvores, desde o início da Primavera até Setembro/Outubro, com conseqüências na vitalidade e produção. A Limântria foi sempre a espécie com maior número de capturas; foram registadas capturas nos dois tipos de armadilhas e em todos os povoamentos, mas a armadilha tipo funil revelou-se mais indicada para a monitorização, atendendo à dimensão dos adultos; trata-se de uma espécie largamente distribuída a nível regional, com um pico de voo entre fins de Julho e primeira quinzena de Agosto, registando-se as primeiras capturas nos povoamentos voltados a sul. Não é possível, neste momento, relacionar o número de capturas com a dimensão das populações. Para as outras espécies, registaram-se números irregulares e diminutos de capturas, com alguma predominância nos povoamentos localizados junto ao litoral, no caso dos archip.



**TURISMO RURAL**  
CASAS DO MONTADO  
Casas de campo

**SAFARIS FOTOGRAFICOS**      **CAÇA E PESCA**  
(DIURNOS E NOCTURNOS)

**PASSEIOS**      **VISITAS ARQUEOLÓGICAS**

Contactos: 917629261 / 937 114 930  
casasdomontado@hotmail.com / www.casasdomontado.supage.com  
Rua de Évora, 25 7220 – 397 PORTEL

**A 15 MINUTOS DO ALQUEVA**



**Figura 4** - Povoamento de sobreiros, do concelho de Odemira, a necessitar de:  
A) operação de gestão de combustível arbustivo; B) desbaste nas árvores jovens, nomeadamente, debaixo das árvores adultas.

Os trabalhos ainda a decorrer pretendem contribuir para a identificação das zonas e períodos de maior risco destas pragas, e dos factores edafo-climáticos (exposição, declive, tipo de solo, interioridade, densidade do povoamento, tipo de coberto herbáceo e arbustivo) associados à variabilidade das dinâmicas populacionais das diferentes espécies.

#### **Prevenção de incêndios florestais em povoamentos de *Quercus suber* (sobreiro) – o problema do estrato arbustivo**

Com este estudo, pretendemos caracterizar os arbustos de povoamentos de sobreiro, a floresta mediterrânica típica e com maior representatividade, no Sul de Portugal, e alguns parâmetros desta espécie, tendo em vista a prevenção de incêndios, no período do ano mais quente e seco, o período crítico.

O trabalho de campo decorre desde 2007 e a amostragem foi realizada nas sub-regiões do Baixo Alentejo e do Alentejo Litoral, que possuem temperaturas muito elevadas, e fracas precipitações, no Verão, em freguesias dos concelhos de Beja, Vidigueira e Odemira.

As áreas de estudo (estratos) foram escolhidas aleatoriamente e para amostrar o estrato arbustivo destes povoamentos, foram constituídos transeptos, de 25 m de comprimento, um por cada 5 ha, em cada estrato, onde determinámos a altura média dos arbustos, a proporção do transecto interceptada por cada espécie arbustiva e a carga de combustível arbustivo (Fernandes e Botelho, 1995). Nas árvores pertencentes a transeptos, registámos aquelas em que se verificava continuidade vertical e o que estava a provocar essa continuidade, entre a superfície do solo e a copa das árvores.

# SISTCLIMA

Sistclima - sistemas de climatização e automação, lda.

**Ar Condicionado / Aquecimento Central / Ventilação**

**Marcas Representadas**

**Mitsubishi Electric / Daikin / Sharp / Haier**

 **MITSUBISHI  
ELECTRIC**  
Changes for the Better

 **DAIKIN**

 **SHARP**  
O AR CONDICIONADO COM PURIFICAÇÃO DE AR

 **Haier**  
AR CONDICIONADO

Os estratos onde se verificaram os maiores declives e as maiores cargas de combustível arbustivo localizam-se no concelho de Odemira, terrenos que, mais dificilmente, são limpos.

Os terrenos com maior declive (35,0 a 57,5 %) são os que apresentaram maiores cargas de combustível (37,55 a  $45,91 \times 10^3$  kg/ha).

Os arbustos mais altos são o *Cistus ladanifer* e o *Arbutus unedo*, com uma frequência de ocorrência de 93 e 10 % dos estratos, respetivamente. A presença de arbustos com altura elevada, quando ocorre debaixo da copa das árvores, confere, facilmente, continuidade vertical de combustível, da superfície do solo, para a copa da árvore. Nos povoamentos estudados, em 63 % dos estratos foram detetadas situações de continuidade vertical, na sua maioria, de *Cistus ladanifer*. Os *Cistus*, *Cistus ladanifer* e *Cistus salvifolius*, apresentaram as maiores proporções dos transeptos, provocando amplas continuidades horizontais, com leitos de combustível, fino,

que poderão promover rápidas progressões de incêndios, por condução, devido ao contacto, entre as plantas. Nos estratos do concelho de Odemira ocorreram cargas de combustível superiores ao valor máximo admissível, em todos os transeptos realizados (de 9 a valores superiores a  $45 \times 10^3$  kg/ha), assim como nos estratos do concelho da Vidigueira (variaram entre cerca de 10 e mais de  $40 \times 10^3$  kg/ha). Os estratos que apresentaram maior carga de combustível são os das freguesias de S. Salvador (com  $45,04 \times 10^3$  kg/ha) e de Sabóia (com  $45,91 \times 10^3$  kg/ha), do concelho de Odemira. As elevadas cargas de combustível, no concelho de Odemira, são devidas a *Cistus ladanifer*. Nos povoamentos, verificámos a falta de intervenções de manutenção, sendo necessário realizar limpezas de mato (Figura 1), desbastes nas árvores jovens (Figura 2), podas de formação e podas de manutenção, devendo, na vegetação arbustiva (“mato”), ser executadas operações de gestão de combustível, com vista à sua redução, implementando descontinuidades, horizontais e verticais. ☉

#### Referências Bibliográficas

Fernandes, P. & Botelho, H. (1995). Carga de combustível por hectare em função do seu volume. UTAD. Vila Real.



## Tecnologia e inovação

Damos COR ao seu negócio



**Luís Marreiros, Lda**

[www.luismarreiros.pt](http://www.luismarreiros.pt)

Rua dos Mercadores, 77 | 7000-530 Évora  
Tel. 266 707 243 | Fax: 266 743 727  
E-mail: [geral@luismarreiros.pt](mailto:geral@luismarreiros.pt)





# A FLORESTA MEDITERRÂNICA E A GESTÃO DOS MONTADOS EM PORTUGAL

Domingos Patacho / Quercus

A floresta mediterrânica é composta no nosso País pelos bosques que ocorrem naturalmente no interior, Centro e Sul, numa área caracterizada pelo clima mediterrânico em que se destaca o Verão quente e seco, o que determinou a adaptação da vegetação ao território.

A nossa floresta mediterrânica é dominada por árvores da família dos carvalhos, sobreiros e azinheiras, associados frequentemente a matagais com uma grande diversidade de espécies de vegetação espontânea. Estas áreas, principalmente azinhais e sobreirais foram em grande parte alvo de intervenção humana ao longo dos séculos, moldando a floresta com a introdução do pastoreio, promovendo cul-



turas agrícolas, formando um sistema agro-silvo-pastoril a que chamamos montados.

A importância da floresta mediterrânica e dos montados está associada ao facto destes sistemas serem importantes suportes de biodiversidade nomeadamente da flora, mas também da fauna e por regularem os diversos serviços ambientais do ecossistema.

As florestas mediterrânicas por constituírem áreas com uma gestão pouco intensiva, são essenciais ao equilíbrio do ecossistema e à vida humana; promovem a manutenção da biodiversidade, libertam oxigénio, sequestram e armazenam o dióxido de carbono (principal gás com efeito de estufa), moderam as temperaturas, facilitam a infiltração da água no solo, fixam o solo e impedem a erosão.

As florestas e montados de sobreiro (*Quercus suber*) e azinheira (*Quercus rotundifolia*) estão classificados no Anexo I da Directiva Habitats da União Europeia e encontram-se protegidos legalmente em Portugal.

## A importância da floresta mediterrânica e dos montados

Os montados são o ecossistema mais importante para a conservação da biodiversidade florística, atingindo 135 espécies de plantas por 1000 m<sup>2</sup>, segundo estudo do WWF, o que determinou que a Ecoregião Mediterrânica seja considerada um dos "Hot Spot" de biodiversidade em termos mundiais.

Estes valores estão associados à manutenção do sistema silvo-pastoril montado, o qual necessita de gestão para a sua conservação. O montado também é reconhecido como Floresta de Alto Valor de Conservação.

Em termos de avifauna, existem nos montados mais de 120 espécies, algumas com estatuto vulnerável ou ameaçadas de extinção como a Águia de bonelli, a Águia-imperial-ibérica ou a

Cegonha-preta. Também o Lince-ibérico com estatuto Criticamente Em Perigo de Extinção ocorreu nos sobreirais e montados portugueses, e se existir no futuro a recuperação da sua população, poderá voltar a ocorrer em Portugal, dada a disponibilidade de habitat existente.

De acordo com os dados do último Inventário Florestal Nacional - 2005-2006, da Ex - Direcção-Geral dos Recursos Florestais, actual Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, só o sobreiro ocupava 736 700 ha, constituindo Portugal a maior área de sobreiro do Mundo.

A adaptação natural dos ecossistemas mediterrânicos ao fogo é relevante em termos da Defesa da Floresta Contra Incêndios. A própria casca do sobreiro, a cortiça, é um produto natural extremamente resistente ao fogo que pro-



tege a árvore nos incêndios, o que torna o sobreiro numa das espécies florestais mais resistentes ao fogo.

Portugal ainda é o maior produtor mundial de cortiça – em apenas 8% do território nacional produz-se mais de 50% da cortiça ao nível mundial.

A cortiça é a matéria-prima de uma actividade industrial, que transforma cerca de 70% do total produzido a nível global pela indústria corticeira, situação que faz do nosso País líder no sector.

Para além da exploração da cortiça, destacam-se a criação de espécies autóctones produtoras de carne de qualidade que são a base de indústrias agro-alimentares de importância regional e local, a apicultura, a recolha de cogumelos comestíveis, a exploração de recursos cinegéticos e as actividades turísticas relacionadas com a Natureza, como o Turismo Rural, o Agro-turismo e o Eco-turismo que encontram nestes espaços um campo de desenvolvimento privilegiado.

#### Desafios e ameaças dos montados

Existem algumas ameaças à nossa floresta mediterrânica, destacando-se com frequência as más práticas de gestão agro-florestal que propagam doenças e pragas e o conseqüente declínio dos montados, os incêndios, as alterações climáticas como a seca e redução da chuva na Primavera e também a expansão urbanística e desenvolvimento de infra-estruturas.

O fenómeno do declínio tem sido investigado no nosso País, tem sempre concluído que as causas da mortalidade que se verifica nalgumas zonas residem num complexo de factores, muitos deles de origem humana, com a má gestão realizada em algumas propriedades, sendo as condições ecológicas um factor determinante no desencadear da situação, como o stress hídrico provocado por períodos de seca ou pluviosidade anormal que pode favorecer a propagação de doenças.

Um dos principais problemas encontra-se associado às más práticas agrícolas na gestão de alguns montados, nomeadamente com fortes intervenções como a gradagem debaixo das copas com grades de discos pesadas que cortam as raízes pastadeiras superficiais, podendo fazer propagar doenças como os fungos patogénicos. Esta técnica cultural da gradagem a qual é tradicionalmente utilizada com alguma frequência, também destrói a regeneração natural com os novos sobreiros que nascem no sob coberto do montado, comprometendo a renovação e perenidade do montado.

Também as podas excessivas das árvores florestais, provocam feridas nos troncos onde as doenças e pragas atacam, sem que exista um particular interesse dessa actividade na gestão dos montados, que não seja a obtenção de lenha.



Estão identificadas muitas medidas para minimizar o declínio e recuperar a vitalidade dos montados, as quais passam sobretudo a uma alteração de comportamentos na gestão efectuada por alguns proprietários.

É fundamental que os proprietários promovam junto dos trabalhadores agrícolas, a implementação das regras da gestão florestal sustentável, com o recurso também à aplicação das conhecidas boas práticas suberícolas na instalação de novos povoamentos, nas operações de poda, na extração de cortiça, no aproveitamento do solo e na criação de gado sob coberto, dado que só assim é possível manter a perenidade dos montados para as gerações vindouras.

A promoção da certificação da gestão florestal sustentável através do reconhecimento de sistemas certificação, como o FSC, traz novas esperanças à manutenção das florestas mediterrânicas e dos montados portugueses, mas é essencial que exista uma melhoria das práticas de gestão que promova a regeneração natural para assegurar a sustentabilidade. ☺



[www.beproline.com](http://www.beproline.com)  
ARQUITETURA | DESIGN & WEB | ARTES GRÁFICAS



**JUNTOS, CRIAMOS O SEU SUCESSO!**



## MONTADO: APOSTA DE FUTURO, FELIZ HERANÇA DO PASSADO

Cristina Joanaz de Melo / Historiadora, investigadora integrada do IHC- FCSH

### A paisagem portuguesa no contexto mundial

Numa conferência em St Andrews (na Escócia) um investigador (por acaso americano) perguntou-me como era a “savana” portuguesa, que gostaria de a visitar porque era diferente da savana do Mediterrâneo.

A minha primeira reacção foi responder que não existia savana em Portugal isso era mais em África. Depois lá associei tal termo ao montado alentejano, uma savana um tanto diferente dado que, em vez de leões e gazelas, encontram-se varas de porcos e de javalis e, em vez de longas distâncias a perder de vista, se apresenta numa configuração doce (para mim) um mar de terreno ondulado com uma malha regular de sobre e azinho onde, aqui e ali se actrescentam áreas de oliveira em povoamento disperso (passe a contradição aos entendidos em ordenamento florestal).

“Nacionalista algo exacerbada” quando estou fora do meu país, em particular nesta altura em que as críticas chovem sobre Portugal quando em Itália ou Inglaterra o contexto social é análogo ou pior, fiz o que em meu entender devemos fazer, sempre: enaltecer o que é bem feito em Portugal, dentro ou fora de portas.

Desta forma valorizei, sem pudor, o ajardinamento da savana, sem leões, alentejana feita de sobreiro e de azinho, com uma gastronomia deliciosa, baseada no gado suíno, queijos e vinho, apresentando o mar dourado do verão alentejano como uma paisagem

de contos de fadas, ainda por cima com um clima ameno para as caminhadas e canoagens. Excelente para se vender como destino turístico, Exagero? Talvez, mas a verdade é que o montado português e espanhol (como enuncia a obra seminal de Orlando Ribeiro “*Portugal Mediterrâneo e o Atlântico*”) produz uma paisagem excêntrica à tipologia das categorias paisagísticas da geografia mundial. Imagem de savana sem perigo, que converteu comunidades alemãs a radicarem-se no nosso território e a ela chama turistas americanos ou suecos a visitarem esta coisa esquisita que nem é mediterrânica nem atlântica.



### O pacote do turismo rural e de natureza: beleza, ordem, condições e asseio

Para além disso, aproveitei a deixa para elogiar o esforço e o dinamismo dos investidores portugueses na conversão dos usos tradicionais de exploração do montado, nomeadamente da cortiça, numa indústria de ponta.

Já não se me oferece a ideia canhões de rolhas para o engarrafamento de vinho, mas na articulação dinâmica e cuidada entre estes produtos que caracterizaram aquela actividade nos anos quarenta a setenta de novecentos mas que, a partir dos anos oitenta precorreram uma enorme evolução nos materiais de isolamento arquitectónico, para no século XXI, se catapultar num mercado competitivo e feroz como são os domínios do design e moda, assim como do turismo de paisagem nas sua vertentes modernas das actividades de outdoors. Do ponto de vista do visitante externo, seja turista estrangeiro ou litorâneo português de instrução média, o acolhimento da “paisagem rural” pressupõe à partida, condições de arranjo habitacional, de conforto e de gastronomia farta e gulosa como parte do pacote “do mundo rural”. Ninguém se questiona muito tempo acerca da dificuldade em encontrar em qualquer lugar - cama limpa, casa de banho asseada, cozinha em condições, gosto nos móveis, nas cortinas e nas colchas da cama e a água quente não se imagina sequer que não exista. As infraestruturas de transporte, segurança e saneamento tem custos astronómicos em povoamento disperso e desordenado. Ora, para quem garante toda esta logística de fruição, paisagística e de restauração e ou hospedagem, viver na paisagem tem por força de ser rentável. E como quem garante o turismo é a paisagem, a quem é que ela se deve e como se gere ou manipula e ajardina, disciplinadamente para dar lucro nas actividades produtivas e nos

serviços? Qual é o custo e que logística exige sustentar esta “paisagem postal?”

### Os agentes construtores e protectores da paisagem

Não tenhamos dúvidas, mesmo com o conforto obtido pela evolução arquitectónica e de fontes energéticas, a vida no campo é dura! Os censos do século XX ou mesmo XXI reflectem o abandono do mundo rural. Na paisagem, na “natureza”, dinâmica por sinal, o mato cresce, o fogo queima, as estações do ano seguem-se umas às outras regulares ou irregulares e a avaliação como o controlo do risco contra a vontade da Natureza, exige vontade, dedicação e presença no espaço em gestão.

As valências do montado dependem portanto dos agentes que o defendem e exploram. Esta realidade remete-nos para a articulação de esforços entre núcleos do sector privado e do sector público que não obstante políticas públicas negociadas em Bruh. Mas o que sustenta tudo isto é o montado, um tipo de floresta que não se defende por si só. Tem que ser devidamente gerida e manipulada. Se como nos ensina a história o proprietário vende facilmente o montado a troco de dinheiro fácil, também é verdade que o oposto se verifica. O proprietário, que vive do rendimento socio-rural, entre o turismo, a paisagem e o rendimento que esta oferece, não quer cortar o montado, mas sim desenvolver um produto que novamente se está a

revalorizar no mercado: a cortiça. Com inteligência, visão e coragem financeira, mesmo que sejam poucos, recusaram-se a aceitar directivas absurdas emanadas da PAC (política agrícola comum) negociadas por parlamentares portugueses que desconhecem o território onde vivem. Políticas que subsidiaram o corte de carvalhos ou de sobreiro num ano para, no ano seguinte, ou com intervalo de dois a três anos, subsidiarem as árvores históricas portuguesas?! Corrijam-me os engenheiros florestais ou silvicultores mas um sobreiro leva cerca de cinquenta anos a atingir a sua maturidade plena. Qual o sentido de mudar e estratégia florestal para o montado de dois em dois anos?

Felizmente que, com alguns laivos de bom senso, da parte de quem sabe explorar a floresta e conhece os ciclos ecológicos dos ecossistemas, bem hajam os curadores do montado português por não terem hipotecado uma parte da nossa herança cultural, que se mantém activa e actualizada num mosaico de múltiplas actividades económicas e sociais, assentes desde tempos imemoriais num tripé bem conhecido: exploração agrícola, florestal e pecuária.

Este cânon de utilização da terra foi executado em explorações agrárias de mosteiros na Idade média, prespassaram a exploração dos senhorios entre Tejo e Algarve ao na Idade Modernas e Contemporânea até aos nossos dias, para, no final dos séculos XX e

início do XXI, se afirmar num complexo produtivo de ponta de actividades extractivas em articulação com o mundo dos serviços e da cultura rentável: turismo de natureza, desportos de exterior e fruição mais clássica da parte de património material e edificado dos monumentos de grande volumetria como os castelos e igrejas aos engenhos hidráulicos.

Em suma, o Montado é uma paisagem económica, ambiental e cultural com valências afectivas, literárias, turísticas e comerciais que nos ultrapassa no tempo. Um legado da história e para a história que devidamente manuseado sustenta equilibra soluções ambientais com mais valias económicas e sociais. Termino então o meu panegírico à manutenção e valorização paisagística, ambiental, cultural e económico-social do montado português, reiterando o elogio a todos os actores envolvidos neste processo: proprietários privados, membros do serviço público que tiveram a coragem de serem mais sensatos que legalistas ao ignorarem uma miríade de políticas públicas florestais mal negociadas em Bruxelas desde os anos noventa, malgradadamente pelos nossos políticos, industriais, agentes de marketing e às Instituições públicas que se espera que tenham um papel determinante na divulgação das valências polissémicas no mundo da “marca”, Montado português paisagem única no mundo. ☯

# Inter**mar**chê

AQUI TEM A  
CERTEZA QUE  
POUPA TODOS  
OS DIAS

# Portel



## SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FLORESTA PARA A REGIÃO ALENTEJO

Luís Francisco Silva / Eng.º Agrónomo

### UM POUCO DE HISTÓRIA

U Ao princípio era a floresta e somente a floresta... Quando o homem primitivo, Neandertal, chegou à região há mais de trinta mil anos, deparou-se-lhe uma selva impenetrável dominada por animais ferozes. Para se instalar e sobreviver, teve necessidade de se armar de instrumentos de pedra lascada e que depois aprendeu a polir, tornando-se assim caçador e recolector de frutos silvestres, bolbos, raízes, cogumelos, muitos outros vegetais comestíveis e



mel silvestre. A lande oferecida pelos carvalhos de folha caduca, transformada em farinha, haveria de permitir o fabrico do pão.

O processo histórico da grande transformação do homem recolector – caçador e que conduz a instalação da agricultura como sistema capaz de responder às necessidades humanas vitais de alimentação e vestuário começou precisamente com a perda da virgindade da floresta pelo acto violador e destruidor do fogo...

E é nessas vastas e imensas clareiras que este último abriu, que o homem primitivo se foi instalando como pastor, pela domesticação dos animais selvagens, e se foi tornando agricultor, ao germinarem nas cinzas as primeiras sementes de cereais pobres, quando no Neolítico foram descobertos os mistérios de multiplicação de plantas, com base na selecção de exemplares que se submeteram aos artificios da propagação.

«O pastoreio intimamente ligado à agricultura, deixava na paisagem a marca humanizada dos espaços pisados e estrumados em cujas clareiras se iam formando campos abertos de cerealicultura itinerante que conferia

aos locais povoados a instabilidade da dependência dos níveis da fertilidade dos solos, que ao fim de cultura sobre cultura se apresentavam exaustos. Assim as instalações agrárias que eram a essência da vida assumiram o carácter de estrutura provisória sobre o qual pendia a fatalidade do abandono à natureza, cuja flora, numa orgia de expansão de raízes, caules e gavinhas, tentaria repor a ordem eterna apagando os traços dramáticos da presença humana. De qualquer modo, o abandono à natureza da terra esgotada, correspondia a prática que mais tarde se tornaria sistema ou técnica de pousio, ao fim do qual a cultura se instala de novo em rotação.»

E tu floresta, que o homem começou por te esventrar, deste-lhe em troca o pau aguçado com que ele se serviu para mobilizar o solo agrícola de forma a preparar a cama da semente sob as cinzas de uma queimada!

E tu floresta forneceste-lhe a madeira com que foram moldadas as primeiras enxadas!

E tu floresta cedeste-lhe, pródiga, o madeiro que concebido sob a forma de voltar a leiva, se transformou em alfaia revolucionária de mobilização do solo e foi altamente responsável pela rápida expansão que a agricultura itinerante registou!

E paulatinamente, rumo a uma agricultura instalada, foram se dando passos progressivos, em que participaram principalmente gregos, celtas, romanos e árabes, marcados pela contínua diminuição da importância da floresta e seus sistemas silvo-pastoris, rumo a sistemas agrários mais diversificados e intensificados, pelo reordenamento de ocupação dos espaços e paisagens e com o aparecimento das culturas arbóreo-arbustivas como a vinha, oliveira, a figueira e a amendoeira, o que provocou assim a delimitação separada de terras de sementeira e de terras de plantação. Tal foi decisivo como sistema caracterizador do abandono da itinerância agrícola e passagem à sedentriedade. Aconteceu por essas épocas a grande transformação agrícola operada pelos romanos, com intensificação massiva da cerealicultura para abastecimento dos celeiros do império, daí resultando uma profunda e irreversível

ruína dos solos em extensas zonas do Alentejo.

Muito mais tarde, e já nos tempos modernos, novos e gravosos atropelos vieram a ser suportados em extensas áreas de montado, sob o forte impulso de campanhas cerealíferas, levando ao arranque intensivo de áreas consideráveis de azinheiras. E também a massiva e abusiva florestação com eucalipto, destruindo paisagens tradicionais, esgotando recursos aquíferos, levando à erosão intensa do solo e eliminando a flora herbácea autóctone. Para cúmulo, no seio dos montados de sobre e azinho ainda existentes, vem-se assistindo ultimamente a uma progressiva agonia, com a morte que parece não ter fim de árvores atrás de árvores... E tudo isto perante a quase absoluta passividade de quem tem a estrita obrigação de tentar inverter tal situação...

Oh, mestre saudoso Vieira da Natividade, que desprezo repugnante têm tantos dado aos profundos ensinamentos que em Escola nos legaste!...

### UMA (ÚLTIMA?) OPORTUNIDADE HISTÓRICA A NÃO MAIS PERDER

Na marcha inexorável da história rumo à modernidade, onde a inclemente destruição está numa sequência dialéctica intimamente ligada aos actos subsequentes de regeneração e construção, há que, com inteligência, saber encontrar as soluções que finalmente ponham de bem e em perfeita harmonia o tradicional com o que é novo, compatibilizando a preservação dos recursos naturais com a lógica concreta da eficiência económica. É que, apesar de tudo, a existência de alguns bons sistemas de agricultura extreme e intensiva, tem ao seu lado, em muito maior extensão, formas tradicionais representadas pelos grandes e variados sistemas agro-silvo-pastoris, mais conformes aos processos de conservação da natureza, de preservação da biodiversidade e da regeneração dos recursos endógenos, os quais produzem um manancial vastíssimo e valiosíssimo de bens e serviços.

És tu floresta clímax, com os teus montados de sobreiros e azinheiras, tantas vezes interpenetrando-se e outras vezes possuindo no seu seio a silhueta embelezadora do pinheiro manso, sob os quais pastoreiam mansamente os teus rebanhos imensos de ovinos, suínos, caprinos e bovinos, que ao mesmo tempo que conferes uma marca de inconfundível beleza a este Alentejo imenso, proporcionas a obtenção de produtos de inigualável sabor e qualidade como são os teus enchidos, presuntos, queijos, carnes frescas, mel e doçaria.

És tu floresta clímax, que pelo raiar mansinho das manhãs, nos ajudas a rejuvenescer os espíritos cada vez

mais inquietos, nos preenches as narinas de aromas e fragâncias extasiantes, e que também durante as horas intrépidas e escaldantes em que o calor aperta, nos proporcionas os sons e os silêncios tão característicos que paradoxalmente nos refrescam bem cá no íntimo. E os teus longos entardeceres, com o sol ensanguentado poissando lentamente no teu seio, nos convidam ao adeus de mais um dia que passou e nos preparam para o sono reparador e tranquilizante da noite que se aproxima!

P.S. Um dia sonhei despertado pelo silvo estridente duma locomotiva que na fila interminável de carruagens e vagons, transportava no seu interior gentes animadas a caminho de feiras e festas populares, rebanhos de animais em transumância, e sacos de adubo e sementes para fecundar os campos ...

E o comboio no seu trajecto, serpenteando entre paisagens bucolicamente encantadoras, dava ainda uma nota de mais belo e mais bucólico ...

Ao provocarem desastrosamente o teu desaparecimento, anularam assim mais um factor para que este Alentejo fornecesse plenamente um importantíssimo serviço de turismo. ☹



Centro Comunitário de Vera Cruz



Requalificação da Linha de Água da Ameira - Parque Hortá da Nora





## MONTADO - “PULMÃO DO ALENTEJO”

António Flor Ferreira / Médico Veterinário

Face às condições edafo-climáticas do nosso Alentejo, a floresta é crucial sob todos os pontos de vista.

Souberam os nossos antepassados, desde tempos imemoriais, com poucos conhecimentos técnicos e científicos, perceber que nesta região o montado de sobro e azinho teria excelentes condições de produtividade. Foram assim, plantando milhões de árvores, um pouco por todo o lado, sobrevivendo ainda hoje muitas delas, minorando a aridez de muitos solos.

A azinheira dá-nos um fruto excelente para alimentação de todas as espécies pecuárias, com especial relevo para o porco preto alentejano a cuja carne transmite qualidades sápidas, texturais e nutritivas inigualáveis.

Rara era a família, que vivendo nas zonas rurais e suas aldeias e vilas, não engordava um ou mais porcos alentejanos para sustento da família ao longo do ano, com os excelentes enchidos que faziam.

Paradoxalmente, hoje inverteram-se os hábitos ancestrais e quase não se criam nem se consomem os enchidos de porco preto, no mundo rural. Ao invés, a população urbana aumentou substancialmente o consumo do presunto, enchidos e toda a carne fresca do nosso suíno.

Surgiram na nossa região, algumas unidades de transformação tecnológica da referida carne, produzindo pre-

sunto e enchidos que nada ficam a dever aos dos nossos vizinhos espanhóis.

Como curiosidade, verifico que aquele que foi durante muito tempo considerado como subproduto da carcaça do suíno, o toucinho, tem hoje elevado consumo e um preço de venda ao público demasiado elevado.

Mudam-se os tempos, os hábitos culturais/alimentares e, sobretudo a capacidade de inovar e de marketing.

A bolota tem ainda uma grande importância na alimentação das espécies cinegéticas de caça maior e menor, contribuindo de forma decisiva para a sustentabilidade da biodiversidade, tal como o sobreiro.

Também dela se extraiu há algumas décadas, óleo e farinha, numa fábrica instalada em Évora, que poucos anos laborou, por terem concluído que não era rentável essa extração.

Erro grave do governo de então, que não soube efetuar um estudo económico correto.

Dá-nos também a azinheira a melhor madeira para as lazeiras, quer seja a proveniente das podas (limpezas) ou do abate das árvores que morrem.

Também aqui, se verificou uma alteração nos hábitos culturais, sobretudo das populações das aldeias e vilas, que quase deixaram de fazer lume de chão, porque as donas



de casa deixaram de querer limpar a cinza, preferindo ligar qualquer equipamento elétrico de produção de calor.

Ao invés, a população citadina aumentou e muito, o consumo desta lenha, que atingiu preços elevados.

Mas, a espécie florestal com maior interesse económico e social no nosso país é o sobreiro.

Somos líderes mundiais na produção e indústria corticeira.

Soube a Assembleia da República reconhecê-lo em 21 de Dezembro de 2011, considerando-o como “árvore nacional”.

Consegui a investigação científica descobrir uma infinidade de novas aplicações para a cortiça, que tornou a matéria-prima cada vez mais apetecível e rentável.

Pensamos não ter tido até agora o mesmo sucesso, a investigação sobre as causas da morte de centenas de milhares de sobreiros e o conhecimento sobre o melhoramento genético, para obter árvores de crescimento mais rápido, com melhor cortiça, com maior resistência às condições ambientais e às patologias.

Vimos assistindo há décadas ao declínio e morte de, talvez centenas de milhares de árvores, por várias causas, algumas incontrolláveis.

Talvez as principais sejam da responsabilidade do Homem.

A reflorestação indispensável para compensar o desaparecimento de enormes áreas de montado de sobro, ficou muito aquém das expectativas.

Vieram para o nosso país muitos milhões para o setor primário.

Políticas erradas, falta de fiscalização do Estado no cumprimento dos projetos e ausência de maneio correto, por parte de alguns empresários agrícolas, levaram a que muitos desses projetos, se tenham perdido, quase na totalidade.

Sendo o país parco em recursos naturais, penso que o montado de sobro deveria merecer melhor atenção, por parte dos políticos e dos empresários agrícolas.

É na Natureza, com a sua biodiversidade, que nos sentimos felizes, desde que nascemos e por isso lá residimos.

Não somos ave de gaiola e por isso fugimos da selva do betão.

Oxalá os nossos descendentes consigam voltar a gostar da Natureza e do mundo rural, para que a desertificação não seja total.

Caberá essencialmente aos professores, como educadores das futuras gerações, um papel determinante nesta mudança. ☺



## COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE GRANITOS, LDA.

### Escritório:

Rua das Padeiras, 73 - 2º Dto.  
3000-311 COIMBRA  
Tel.: 239828 078  
e-mail: [hec3000@gmail.com](mailto:hec3000@gmail.com)

### Pedreiras:

Évora - Tel.: 266 709 826  
Serpa - Tel.: 284 805 900



## MOJOMARTI

Sede - Rua das Abelheiras nº 178  
Portas - 4595 - 260 Meixomil  
Tel/Fax: 255 892 409  
[mojomarti@sapo.pt](mailto:mojomarti@sapo.pt)  
[www.mojomarti.com](http://www.mojomarti.com)



## A CAÇA, RELEVANTE RECURSO ECONÓMICO

Paula Cristina Simões / Jurista/Caçadora

Este texto não foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

Na encruzilhada em que nos encontramos, além do uso tradicional dado à floresta (como seja a madeira, a cortiça, a resina), o mundo “biológico” que nos rodeia fez nascer novos negócios e despoletou a necessidade de valorizar outros com potencial para crescer, tendo a caça assumido uma importância de destaque.

Numa região como o Alentejo, onde mais de 90% dos terrenos com aptidão cinegética se encontram integrados em zonas de caça, esta actividade pode e deve converter-se numa alavanca de saída da crise, saibamos nós aproveitar o potencial deste recurso económico.

A actividade cinegética, além de contribuir para travar a perda da biodiversidade e preservar os recursos naturais, como demonstra o grau satisfatório de conservação dos terrenos que foram submetidos à gestão cinegética, não só gera riqueza como se tem transformado num importante recurso económico de zonas tradicionalmente desfavorecidas e predominantemente rurais, como o Alentejo.

Uma zona de caça quando se instala, contribui para diversificar a economia dos territórios rurais. Cria postos de trabalho directos e indirectos, revitaliza os aglomerados populacionais envolventes às zonas de caça, fixa guardas de recursos florestais em locais ermos onde sai reforçada a vigilância e segurança da toda a zona, recupera montes e caminhos rurais, realiza sementeiras em terrenos há muito improdutivos e gera receitas a montante e a jusante.

A caça impulsiona a deslocação de milhares de caçadores de norte a sul do país fez nascer o chamado “turismo cinegético” que contribui para o desenvolvimento de zonas deprimidas, onde em regra se localizam as zonas de caça, longe dos grandes circuitos turísticos habituais e numa época do ano em que o turismo convencional é muito limitado. Apesar de inquestionável a sua importância económica, nunca foi feito um estudo que permitisse quantificar o peso do sector na economia, como tal, temo-nos limitado a analisar os indícios que permitem avaliar a dinâmica que se desenvolve no sector, como a celebração, com carácter anual, de feiras da caça, a taxa de ocupação hoteleira e da restauração, fábricas de ração, veterinários, armeiros, companhias de seguros, lojas de vestuário, transporte, etc. A sua relevância social também pode ser aferida pelo número total de caçadores existentes em Portugal. No ano de 2011 possuíamos 242.339 caçadores com carta válida, sendo que destes 135.553 estão activos, atendendo ao número de licenças de caça adquiridas (a que acrescem 1.160 adquiridas por estrangeiros não residentes em território nacional).

No que se refere a zonas de caça, possuímos 4.539 em actividade (das quais 2.482 Zona de Caça Associativa, 1.192 Zonas de Caça Turísticas e 965 Zonas de Caça Municipais), sendo que destas 1.059 ZCA, 817 ZCT e 171 ZCM se localizam no Alentejo, território de inegá-

Descubra a magia do Alentejo

# Turismo Fluvial no Grande Lago Alqueva

T. +351 266 612 023/4 • F. +351 266 612 025  
www.gescruzeiros.com • geral@gescruzeiros.com

gescruzeiros

AMIEIRA MARINA

T. +351 266 611 173/4 • F. +351 266 611 175  
www.amieiramarina.com • geral@amieiramarina.com

Icons: Sun, Anchor, Boat, Coffee, Fork and Knife



veis potencialidades cinegéticas e amplamente procurado por caçadores nacionais.

Apesar da relevância económica do sector, e das potencialidades de crescimento que possui, ainda temos um caminho a percorrer na sua promoção e valorização, bem como no reconhecimento do papel dos caçadores na conservação do meio ambiente. Há que simplificar a legislação relacionada com caça e armas, eliminar a burocracia e os entraves por forma a inverter a tendência anual de perda de 10.000 caçadores, conhecer e publicitar a oferta cinegética (por zonas de caça e espécies cinegéticas), conhecer e publicitar a oferta hoteleira e de restauração existente junto dos locais de caça e integrar o segmento caça nas acções promocionais levadas a cabo de forma permanente (participação em feiras nacionais e internacionais, encontros com profissionais do sector), e conhecer os hábitos de consumo dos 135.000 caçadores portugueses, ora em actividade:

- Caçadores que geralmente praticam a caça próximo do seu local físico de residência e que nunca saem para fora do país;
- Caçadores que caçam em vários lugares do seu país e ocasionalmente no estrangeiro;
- Caçadores que habitualmente praticam a actividade cinegética fora das fronteiras.

Em Espanha, é sobejamente reconhecida a relevância económica da caça que gera receitas anuais na ordem dos 3.636 milhões de euros (receita gerada por oitocentos mil caçadores, que dispõem em média cada um cerca de quatro mil e quinhentos euros) e mantém cerca de 54.000 postos de trabalho por ano, precisamente nas zonas mais deprimidas.

Na última inauguração da Feciex, o presidente del Gobierno de Extremadura, José Antonio Monago quando se referiu à actividade cinegética, destacou ser um sector sustentável e não sustentado, e deu os Caçadores como exemplo de gente comprometida com a conservação do meio ambiente. Destacou a importância que a caça e a pesca têm no desenvolvimento económico e regional e frisou não se tratarem apenas de desportos, mas sim de sectores económicos fortes e consolidados, que ainda têm margem para crescer.

Depois destas afirmações, consegue-se perceber porque é que a caça, gera na Extremadura Espanhola, uma receitas na ordem de 400 milhões de euros ( para a qual muitos portugueses contribuem). E que em Portugal onde a receita decerto é superior, não se perceber como é que esse montante sequer ainda foi quantificado. ④





## O MONTADO VISTO POR UM ARQUITECTO PAISAGISTA

Nuno Lecoq / Arquitecto Paisagista

A presente solicitação feita a diferentes profissionais para darem o seu contributo sobre a maneira como vêem o “**Montado**”, parece-me inovadora e particularmente feliz, por algumas razões: a transversalidade do tema na sociedade actual, a área ocupada por este sistema agro-silvo-pastoril no nosso país, a importância para a economia nacional.

A visão de um arquitecto paisagista tem de passar, obrigatoriamente, por uma abordagem ao **montado enquanto paisagem**.

Actualmente há um conjunto de desafios, cada vez mais importantes, que a nossa sociedade enfrenta e que estão intimamente ligados à paisagem, como sejam as alterações climáticas, as necessidades de energia, a saúde e segurança, a garantia alimentar, a urbanização e a emigração. A investigação sobre a paisagem tem de reagir àqueles desafios neste século XXI. Por outro lado, a paisagem constitui uma temática cada vez mais transversal a um conjunto de sectores que há muito têm conduzido a um estudo interdisciplinar, que se espera seja promotor de políticas conducentes ao estabelecimento de benefícios significativos de carácter social, económico e ambiental.

São vários os investigadores que quando se referem ao **espaço rural** lhe atribuem um conjunto diversificado de funções que não só as relativas à produção agrícola e florestal mas, também, a protecção da natureza, a conservação do ambiente, as actividades como a caça, o recreio e a herança rural que vai passando de geração em geração, feita dos saberes, das festas e dos costumes (Baptista, 2010). Algumas destas actividades são desenvolvidas no espaço rural, que ganha cada vez mais importância para as populações urbanas, tornando-o um espaço de consumo, mais do que um espaço de produção (Holmes, 2006). Al-



gumas destas funções (ainda) não têm mercado mas, como terão de ser asseguradas, deviam ser pagas por dinheiros públicos. Este conjunto de bens e serviços (ainda) não tem valor comercial, mas o seu conhecimento é decisivo para fundamentar as decisões para a gestão dos ecossistemas. Por outro lado, estando a agricultura a atingir os limites de produção, há uma cada vez maior consciência para as amenidades, que contribuem para a sustentabilidade e a protecção/preservação dos recursos, a par da função de produção agrícola.

Esta “leitura” está associada a uma transição, de uma fase quase exclusivamente baseada na produção de bens, para outra baseada num modelo de produção de bens e serviços, com outros meios e funções nas áreas rurais (a conservação da natureza, o recreio, a qualidade da água, a manutenção da identidade cultural, a qualidade de vida), traduz-se num quadro de multifuncionalidade dos espaços, envolvendo a produção, a conservação e o consumo, o pós-productivismo (Holmes, 2006; Pinto Correia e Kristensen, 2008).

O montado constitui uma tipologia de espaço rural de uma região do Sul de Portugal e é formado por um cober-

to arbóreo mais ou menos denso, de azinheiras e sobreiros, por vezes com estrato arbustivo, possui marcas, vestígios e uma história, que constituem um património cultural/tradicional particularmente rico e único e constitui uma paisagem paradigmática resultado de um tipo de sistema biofísico explorado tradicionalmente com uma área apreciável e única e de grande peso simbólico.

O montado é um sistema de exploração agro-silvo-pastoril de grande relevância a nível nacional em termos ambientais, económicos e sociais, que constitui a componente biofísica dominante da paisagem do Alentejo. Considerando-se que a paisagem “*designa uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e/ou humanos*” (Conselho da Europa, 2000: 1025), ela é suporte de actividades de recreio e lazer, enquadramento de qualidade de vida, componente fundamental na identidade local, e um dos bens públicos que mais relevância tem nestes processos e nas questões que hoje em dia se põem às políticas e intervenção pública (Pinto Correia, 2010).

Apesar da presença dos montados coincidir com áreas pouco povoadas, a paisagem não deixa de transparecer uma humanização, baseada sobretudo num processo equilibrado de utilização dos recursos: é uma paisagem cultural que resultou da interacção entre os seres humanos e a natureza (Farina, 1998 e UNESCO, 1999). As “*paisagens culturais são bens culturais e representam as «obras conjugadas do homem e da natureza» mencionados no artigo 1.º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade humana e o seu estabelecimento no decorrer dos tempos, sob a influência dos constrangimentos físicos e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das forças sociais, económicas e culturais sucessivas, internas e externas*” (UNESCO, 2005: 15). Para Amendoeira (2004), “*a categoria de Paisagem Cultural dá-nos a possibilidade de articular questões como o património construído, o património intangível, o ordenamento do território, a gestão dos recursos, a participação das comunidades, o património ambiental, em suma, o conceito de paisagem cultural encerra em si mesmo o pressuposto de um desenvolvimento durável*”.

A Lista Indicativa Portuguesa para a Lista do Património Mundial, propõe a inclusão de categorias de que possuímos património representativo e excepcional de importância mundial, nalguns casos associado a sectores estratégicos da economia portuguesa como “*...a paisagem cultural do montado associada à liderança na produção mundial de cortiça*” (Amendoeira, 2004: 4).

A este propósito é de referir a diligência feita pela “*Entidade Regional de Turismo do Alentejo*”, abreviadamente designada por “*TA ERT*”, no sentido de promover a “*Dinamização do Montado Alentejano como Bem Cultural Universal*”. Trata-se da promoção de uma Candidatura do Montado

Alentejano a Património Mundial da UNESCO (UNESCO World Heritage) como Bem Cultural Universal.

O montado corresponde à imagem de marca da paisagem agrária do Alentejo, constituindo um tipo de paisagem inteiramente construído, em que todos os traços se devem à sua história e ao trabalho humano que transformaram a brenha mediterrânica, ou seja a mata densa, em que o ecossistema mediterrânico foi sendo simplificado em termos de estrutura e de biodiversidade e transformado num sistema de uso agro-silvo-pastoril extensivo, associado à grande exploração fundiária (Ferreira, 2001: 179).

O conhecimento sobre uma paisagem contribui para se conhecerem melhor as características do povo que nelas vive e para uma aproximação ao seu passado. O ser humano é, assim, o agente que promove a transformação da paisagem e nela deixa as suas marcas.

São diversos os valores que se encontram associados aos montados quer pela simbologia, pelo valor natural, pelo valor cénico e/ou pelas potencialidades de recreio. O montado constitui um valor acrescentado como bem público para a sociedade, tanto local como nacional ou mesmo europeia, verificando-se a necessidade de encontrar novos objectivos e modelos de gestão, mais orientados para o suporte de bens públicos.

A gestão integrada dos montados no presente como no futuro vai exigir que os diferentes usos sejam compatibilizados com a conservação de habitats e de espécies.

Para a sua gestão pode ser determinante uma definição de várias estratégias que garantam a sua conservação e valorização, face às diversas funções que desempenham e que devem envolver medidas de conservação e de recuperação. ☉

#### Bibliografia

- . Amendoeira, A. P., 2004. *A propósito da elaboração da Lista Indicativa de Portugal*. Comité Executivo Internacional do ICOMOS. Março. 4 pp. Disponível em: <http://www.unesco.pt/pdfs/docs/AP-ropLista.doc>, acesso em 2010-06-01.
- . Conselho da Europa, 2000. *Convenção Europeia da Paisagem*. Estrasburgo. Aprovada e publicada pelo Decreto-Lei n.º 4/2005, de 14 de Fevereiro (1024-1028).
- . Ferreira, D. B., 2001. *Evolução da Paisagem de Montado no Alentejo Interior ao longo do Século XX: Dinâmica e incidências ambientais*. Finisterra, XXXVI, 72. p. 179-193. Disponível em: [http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72\\_16.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_16.pdf), acesso em 1-5-2012.
- . UNESCO, 1999. *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation. World Heritage Convention*.
- . UNESCO, 2005. *Orientations devant guider la mise en oeuvre de la Convention du patrimoine mondial*. Comité Intergouvernemental pour la Protection du Patrimoine Mondial, Culturel et Naturel. WHC.05/2, 2 Février. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/opguide05-fr.pdf>, acesso em 04-12-2011.



## A NECESSIDADE DA FLORESTA AO SUL DO TEJO

Agostinho Manuel Asper Banha / Confraria do Sobreiro e da Cortiça

Quando aceitei apresentar este pequeno contributo sobre a necessidade da floresta ao sul do Tejo, tive plena consciência que iria debruçar-me sobre uma realidade que não domino e muito menos com a profundidade desejável para emitir um parecer sustentado, apesar de nestes últimos anos, ter tido o privilégio de conhecer e acompanhar um pouco melhor como membro da Confraria do Sobreiro e da Cortiça, na organização da Feira

Nasci no Alentejo em terras da margem esquerda do Guadiana. Pude desde muito cedo conhecer uma realidade tão diferente da nossa – a das paisagens e florestas a perder de vista. Na savana africana o céu é maior do que a terra e o sol que irrompe no horizonte longínquo logo sobe abrasador, projectando os seus raios na secura de um solo imenso que só conhece as sombras esguias do capim. As florestas são imensas e luxuriantes. Qualquer rio, lago, lagoa é um nicho de vida,



Floresta Africana (em decadência)



Montado de Sobreiro (em decadência)

do Montado. Exponho então aqui algumas ideias e preocupações que me têm acompanhado enquanto cidadão, com as questões ambientais e muito particularmente com o estado actual dos montados de sobreiro e azinho do nosso querido Alentejo.

onde um simples lançar de rede, armadilha ou cana de pesca feita à mão significam um cesto cheio de peixe.

Ao visitar recentemente essas terras, constatei que muito havia mudado. Uma das principais surpresas foi o estado de conservação da floresta autóctone nos espaços da minha

infância e adolescência, dos quais reservo imagens de uma beleza única e inesquecível, como o desabrochar da vida aquando das primeiras chuvadas, as noites de autêntica sinfonia orquestradas pelo coaxar das rãs a acasarem, o romper de bandos de pássaros de cores vivas a marcar o início e o fim do dia e a entrega no labor dos seus ninhos que cobriam por completo as copas das árvores.

O sentimento foi de desolação ao observar esses espaços vazios, onde a estação das chuvas se anunciava com trovoadas medonhas e relâmpagos que rasgavam o céu de alto a baixo, seguidas de um sol abrasador, que nos primeiros dias eram marcados pelo voo estonteante das formigas de asas grandes, que logo as perdiam e pelos gafanhotos esverdeados que dizimavam tudo à sua passagem. Nalguns sítios, restava a terra limpa revestida de capim, com pequenas bolsas de arbustos rasteiros. As micaias de porte imponente rareavam, os canhoiros pequenos e envergonhados pontavam aqui e ali. Noutras zonas, de influência marítima onde os cajueiros, as mafurreiras, as massalas e as figueiras e ameixoeiras preenchiam os campos com árvores pujantes e vigorosas, actualmente, o cenário é de decadência, com inúmeras árvores mortas, doentes e envelhecidas, arbustos

secos e enormes clareiras.

O Alentejo, espaço de grandes planícies e montados de sobre e azinho com uma população concentrada em núcleos urbanos de pequena e média dimensão, ocupa um território equivalente a um terço do país, marcado por uma densidade populacional baixa e envelhecida. Região de enormes recursos naturais com potencialidades para o desenvolvimento agrícola e florestal.

Os montados proporcionam paisagens de uma rara e singular beleza, resultado do encontro de duas vontades, a do homem e a da natureza, que se cruzam e interligam na criação do maravilhoso. O suave e harmonioso ondulado das planícies alentejanas, salpicadas aqui e ali de sobreiros e azinheiras, cujo admirável porte e grandeza são o testemunho de uma afirmação digna e de um carácter distinto que marcaram gerações sucessivas de alentejanos.

É importante lembrar que os montados de sobre e azinho, floresta autóctone ao sul do Tejo, foram durante muitos anos o meio de subsistência das pequenas economias rurais, na criação do porco alentejano, na produção de lenha, dos fornos de carvão e das tiragens de cortiça, recurso de excelência e de elevado contributo económico. Por outro

## João Luís Paixão

Um mediador que olha por si



João Luís Paixão é o seu mediador Allianz. Um profissional experiente e atento às suas necessidades, que se dedica a tempo inteiro à gestão inteligente dos seus seguros, oferecendo-lhe as melhores vantagens e condições.

Visite as nossas instalações situadas no Largo Miguel Bombarda, nº 20, 7220-369 Portel ou contacte-nos através do número 963 081 926. Estamos mais perto de si, para o ajudar a encontrar a solução de seguro mais adequada.

**Allianz** 

Allianz. Soluções de A a Z.

lado, garantem a sustentabilidade dos sistemas agro-silvo-pastoris, da apicultura, da caça, das ervas aromáticas e dos cogumelos silvestres, valorizando a riqueza e a diversidade da culinária alentejana com os seus pratos típicos condimentados com os aromas do montado e o artesanato corticeiro, expressão dos costumes, tradições e vivências de um povo.

Os montados e os produtos que sustentam, pela sua autenticidade e qualidade genuína, poderão atenuar desequilíbrios económicos e sociais em zonas do interior, onde escasseiam oportunidades de emprego e de criação de riqueza. Enquanto produto natural, de alternativa a produtos sintéticos de uso múltiplo, a cortiça dispõe de um enorme potencial a explorar. Os montados são também geradores de espaços ecológicos e naturais com condições ideais para o investimento no turismo rural, de natureza, de contemplação e ambiental.

Nos últimos anos assistimos a uma degradação dos montados, com maior incidência no montado de sobreiro. Em determinadas zonas, o número de árvores mortas por hectare aumentou a um ritmo avassalador. Apesar das causas serem conhecidas continuamos passivamente a assistir, ano após ano, ao seu declínio. A manter-se a ausência de uma intervenção coordenada e planeada, muitas áreas de montados serão perdidas, com custos futuros de recuperação incomportáveis para os produtores florestais.

É urgente a implementação de políticas de fomento flo-

restal, orientadas para a recuperação dos montados existentes, com uma discriminação positiva dos espaços mais afectados, antes que a barreira natural dos Montados de Sobreiro e Azinho deixe de resistir ao avanço do deserto saariano. Quando a floresta se extinguir, a vítima que se segue será inevitavelmente o homem.

A diversidade da floresta europeia, a insuficiência de medidas de apoio florestal e a necessidade de uma intervenção comum de atenuação dos efeitos das alterações climáticas, são motivos mais que suficientes para justificar a criação de uma Política Florestal Comum, que salvaguarde a especificidade das florestas autóctones no espaço Comunitário Europeu.

Por intervenção ou não do homem, por práticas de gestão florestal inadequadas ou por influência das alterações climáticas, em espaços florestais distintos de África e da Europa, a tendência é a acelerada degradação da floresta autóctone, que urge inverter ou atenuar se quisermos perpetuar a vida neste planeta.

No passado, a relação do homem com a floresta foi sempre intensa com compensações mútuas. À medida que essa relação se esvazia e perde o homem empobrece na sua autenticidade. Receio, que com a pressão tecnológica, a sujeição a sucessivas políticas contraditórias e a uma mudança vertiginosa de comportamentos, caminhemos inexoravelmente para um empobrecimento de valores sem retorno, que a floresta tão bem soube transmitir e robustecer. ☉



Micaia / m'Kaia (árvore de grande porte)



Sobreiro (árvore de grande porte)



COMEMORAÇÕES DOS 750 ANOS  
DA FUNDAÇÃO DO CASTELO DE PORTEL  
E DO PRIMEIRO FORAL DE PORTEL  
(1261-2011/1262-2012)



CÂMARA MUNICIPAL  
DE PORTEL



# POR MUITAS VOLTAS QUE A VIDA DÊ, ESTAMOS SEMPRE AO SEU LADO.

Tal como o sol se põe para no dia seguinte se erguer, também as más notícias são sucedidas pelas boas, numa sequência que não termina. É por isso que nos juntamos. Por muitas voltas que a vida dê juntos estamos sempre ao seu lado, porque somos um Banco Cooperativo. Visite-nos e descubra as vantagens em ser nosso Cliente.

Soluções: Poupança | Crédito | Investimento | Protecção | Reforma

Particulares | Comércio e Pequenos Negócios | Empresas



## Alentejo Central

Visite as nossas Agências nos Concelhos:

Alandroal - Arraiolos - Évora - Mourão - Portel  
Redondo - Reguengos Monsaraz - Vila Viçosa

Linha Directa 808 20 60 60 | [www.creditoagricola.pt](http://www.creditoagricola.pt)